

# Gazeta das Aldeias

N.º 2664 • 1 DE JUNHO DE 1970



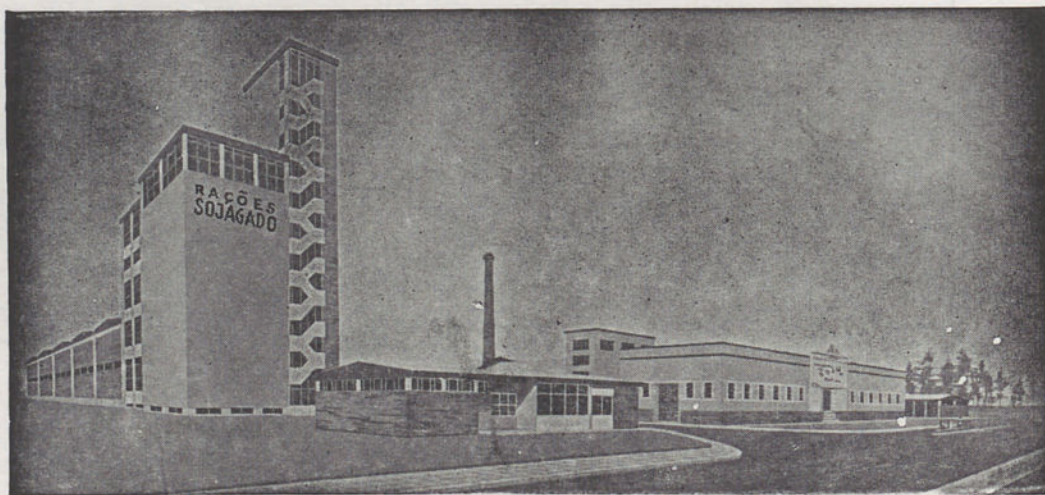
Sala .....  
Est. ....  
Tab. ....  
N.º .....

# ALIMENTOS COMPOSTOS



## SOJAGADO

PORTO — OVAR — LISBOA



INSTALAÇÕES FABRIS DE OVAR



# PGS

Os motocultores mais versáteis e adaptados às condições do País

Modelos de 10, 18 e 20 HP com alfaias para os diferentes trabalhos, incluindo reboques, com tracção independente, que atingem elevada velocidade em estrada.



Simplicidade de manejo, economia e robustez.

Larguras reguláveis para maior eficiência e rendimento.

Os motocultores que, diminuindo as despesas, aumentam os lucros.

Assistência técnica assegurada em qualquer ponto do país.

70-PSS-03



SOLICITA INFORMAÇÃO COMPLETA DO MODELO: \_\_\_\_\_

Nome \_\_\_\_\_

Morada \_\_\_\_\_

corte e envie - nos colado num postal \_\_\_\_\_



**J. J. GONÇALVES, SUCRS. S.A.R.L.** ao serviço da lavoura

DIVISÃO AGRÍCOLA • R. Alexandre Braga, 36 - PORTO - Telef. 22868

*Sr. Agricultor*

Elimine a **junça** das  
suas culturas, mondando-as

com

**EPTAM G<sup>(R)</sup>**

- \* **Utilizável sobre:** batata, feijão, morangueiro, espargo, luzerna, trevo, fruteiras e vinha.
- \* **Eficaz:** activo sobre junça, grama e muitas outras infestantes.
- \* **Seguro:** sem riscos de acumulação no solo.

**Queiram consultar-nos para  
quaisquer esclarecimentos  
complementares**

(R) Marca Registada de  
STAUFFER CHEMICALS

N. B. — Antes de utilizar o  
EPTAM ler o rótulo



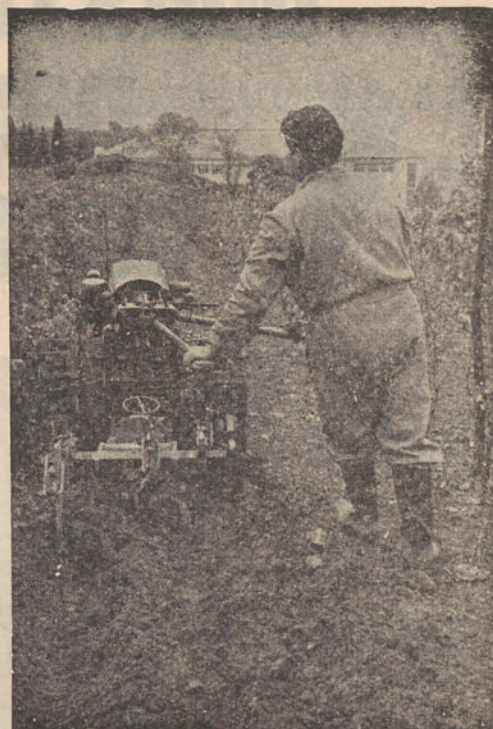
**Agroquímica Pechiney Progil, Lda.**

Rua António Enes, 25, 2.º DT.

Telefones: 44180 - 44189 - 537916 - LISBOA - 1



← *Na Lavoura*  
**BUNGARTZ**



*Nas Vinhas e Pomares* →  
**BUNGARTZ**



← *Nos Transportes*  
**BUNGARTZ**  
(ISENTO DE CARTA)

8899

**NÃO HÁ MAIS EFICIENTE  
NÃO HÁ MAIS ROBUSTO**

**Motocultivadores Diesel de 7 e 13 HP.**

RAMO AGRÍCOLA DA

**Agência Comercial de Anilinas, Lda.**

Avenida Rodrigues de Freitas, 68

PORTO

Telefs. 55161-2-3



# bastam duas razões para vencer



ANTRACOL registou mais uma retumbante vitória sobre o míldio. E bastavam dois factos para se consagrar vencedor sem a mais insignificante sombra de dúvida:

#### **A SUA PODEROSA ACÇÃO FUNGICIDA**

— o ANTRACOL, bem aplicado, forma uma poderosa barreira defensiva que o míldio não consegue atravessar.

#### **A SUA PERSISTÊNCIA**

**INULTRAPASSADA** — o ANTRACOL mantém-se activo durante um período que nenhum outro fungicida orgânico ultrapassa. Ora, para além disso, o ANTRACOL combate o pedrado das macieiras e pereiras, retarda ou impede o avermelhamento precoce nas vinhas do Minho, marca perfeitamente a azul as videiras tratadas e elimina o perigo da desfolha nas macieiras Golden.

#### **OS LAVRADORES SABEM TAMBÉM**

que, devido às suas qualidades, o ANTRACOL se recomenda para aplicação exclusiva da primeira à última cura, e permite, pela ausência de efeitos fitotóxicos, que toda a planta se desenvolva naturalmente.

#### **PARA SUA COMPLETA SATISFAÇÃO,**

os lavradores partem ainda da certeza de que o ANTRACOL, na sua aplicação, é provadamente um dos fungicidas mais económicos do mercado, beneficiando da vantagem extra de apresentar as suas doses de emprego normal já pesadas dentro da embalagem de expedição sem o mínimo aumento de preço.

E, para finalizar:

#### **ANTRACOL É UM PRODUTO BAYER.**

Tem a garantia de qualidade BAYER e assistência técnica em qualquer ponto do país.

**Antracol vence o míldio**



**Antracol... não tem superior**

ANTES DE USAR LEIA O RÓTULO

# PLATZ

A mais antiga e mais importante fábrica alemã especializada na construção de máquinas para tratamentos fitossanitários.

Pulverizadores  
Atomizadores  
Polvilhadores

Distribuidores Exclusivos:

**Aguiar & Mello, L.da**

Praça do Município, 13-1.º—LISBOA

GAZETA DAS ALDEIAS

(161)



**Filtros \* Bombas \* Rolhadores \* Máquinas de gasificar \* Máquinas de encher \* Saturadoras \* Mangueiras de borracha e de plástico, etc., etc.**

Acido Cítrico \* Acido Tartárico \* Acido Ascórbico \* Sorbato de Potássio \* Metatartárico \* Carvão «Actibon» \* Taninos «Dyewood» (os melhores à venda em Portugal) \* Anidrido Sulfuroso \* Metabisulfito de Potássio \* Solução Sulfurosa \* Gelatina Spa-R \* Bentonite «Volklay» \* Fosfato de Amónio \* Barro Espanhol \* Caseína \* Albumina de Sangue \* Calgonit (o melhor desinfetante e descolorante de vasilhas) \* Permanganato de Potássio \* Carbonato de Sódio \* Actisolar \* Emboçoi \* Bono-Suif (Mastic francês) \* Mechas de Enxofre \* Glutofix (cola para rótulos) \* Goma Laca \* Goma Arábica \* Parafinas (sólidas e líquidas)

Ebuliómetros \* Acidímetros \* Areómetros \* Glucómetros \* Mostímetros \* Alcoómetros \* Termómetros \* Vinómetros \* Buretas \* Provetas \* Balões \* Copos \* Reagentes, etc., etc.

## Sociedade de Representações Guipeimar, L.da

Rua de Rodrigues Sampaio, 155-1.º  
PORTO

Telefs. 28093  
35173

3876

# Moto-Ceifeiras alemãs, com motor JLO

## a Esc. 9.975\$00

4210



**Gulbrod**

**Agência Geral Gulbrod**

Rua de José Falcão, 152-156  
Telefs. 20947 e 20948 — PORTO

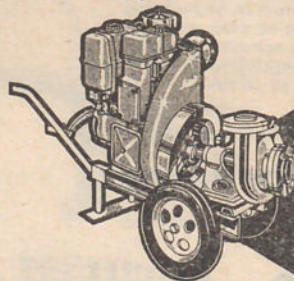
# Lister

**GRUPOS  
MOTO-BOMBA  
DIESEL**

MOTORES  
ARREFECIDOS  
POR AR E POR  
ÁGUA DESDE  
3,5 H. P.

• ROBUSTOS  
• ECONÓMICOS  
• GARANTIDOS

ASSISTÊNCIA  
TÉCNICA  
PERMANENTE  
ENTREGAS  
IMEDIATAS



**Pinto & Cruz, Limitada**

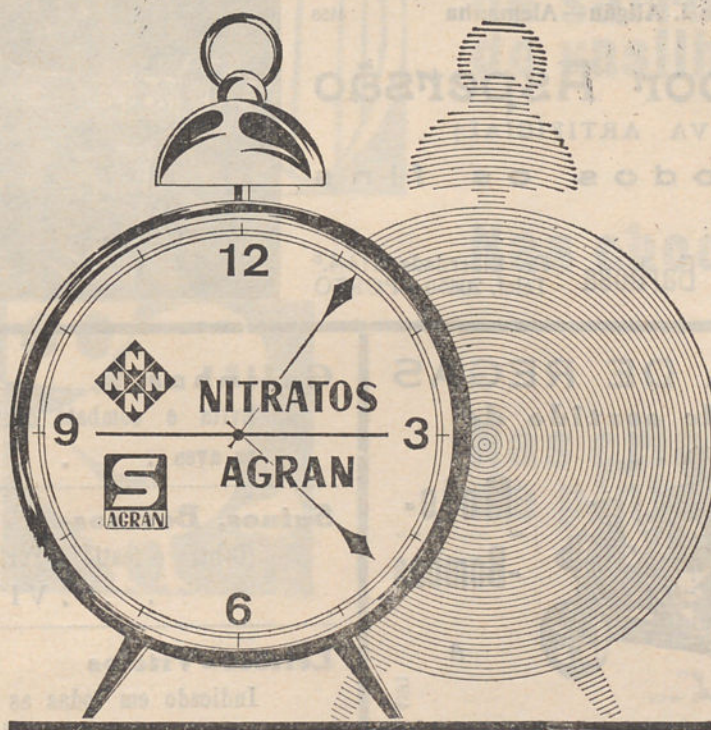
60, Rua Alexandre Braga, 64 - Telf. 26001 (P.P.C.) Teleg. TUBOS-Porto

4478



Em qualquer hora, em qualquer dia  
o seu problema de adubação ou de  
fitossanidade pode ser resolvido  
com os produtos

## NITRATOS · AGRAN

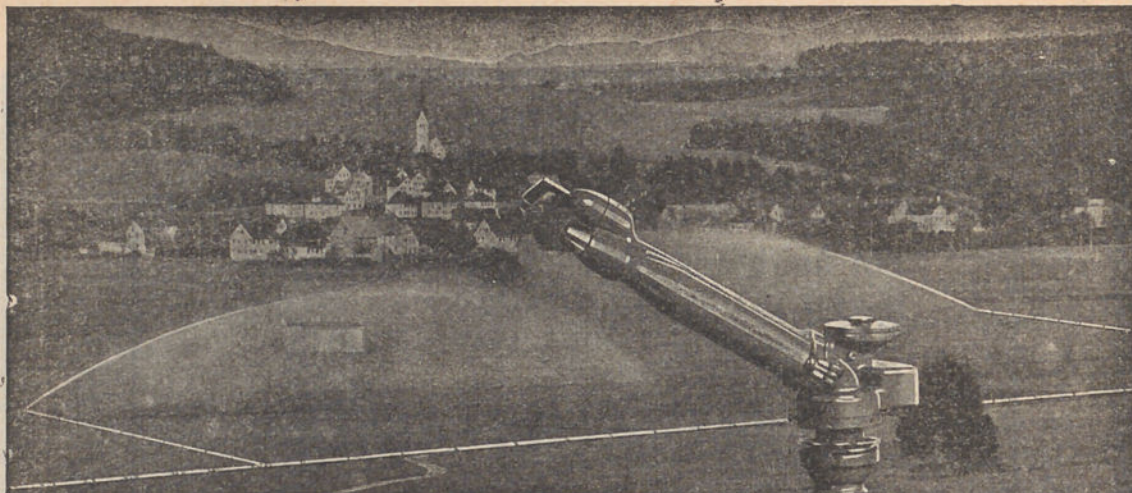


Recorte pelo tracejado e cole num postal enviando  
para

NITRATOS—Apartado 2931—LISBOA

Estou interessado em receber literatura e documen-  
tação técnica sobre produtos dos Nitratos-Agram.

11



Maschinenfabrik A. HOLZ  
Wangen i. Allgäu — Alemanha

4458

## Rega por Aspersão

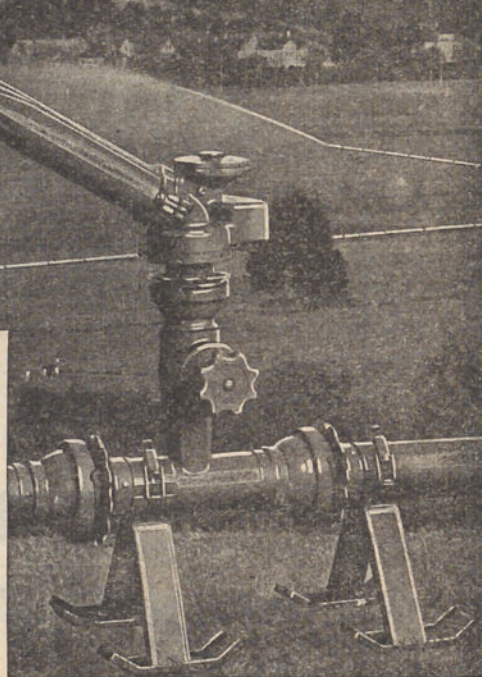
(CHUVA ARTIFICIAL)

para todos os fins

Representante Geral:

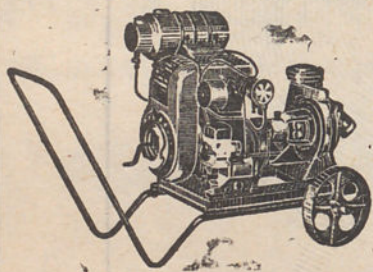
Eng.º Paulo C. Barbosa

Pr. Liberdade, 114-4.º  
Telef. 20866 — PORTO



## ÉPOCA DE REGAS

Grande sortido de

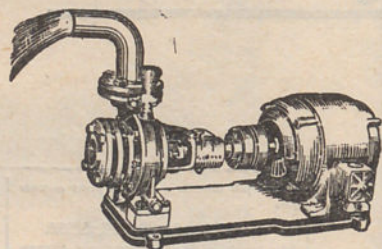


Moto-  
-Bombas

e

4291

Electro-  
-Bombas



Confiem na grande experiência da  
**Casa Cassels**

191 — Rua Mousinho da Silveira — PORTO  
56 — Avenida 24 de Julho — LISBOA

### Galinhas

Evita e combate doenças de todas  
as aves . . . . AVIOSE

### Suínos, Bovinos

(Contra o fastio) — Fortifica e engorda  
. . . VITA-CEVA

### Leitões - Vitelos

Indicado em todas as desenterias,  
complicações intestinais, etc.  
. . . SOLTURIN

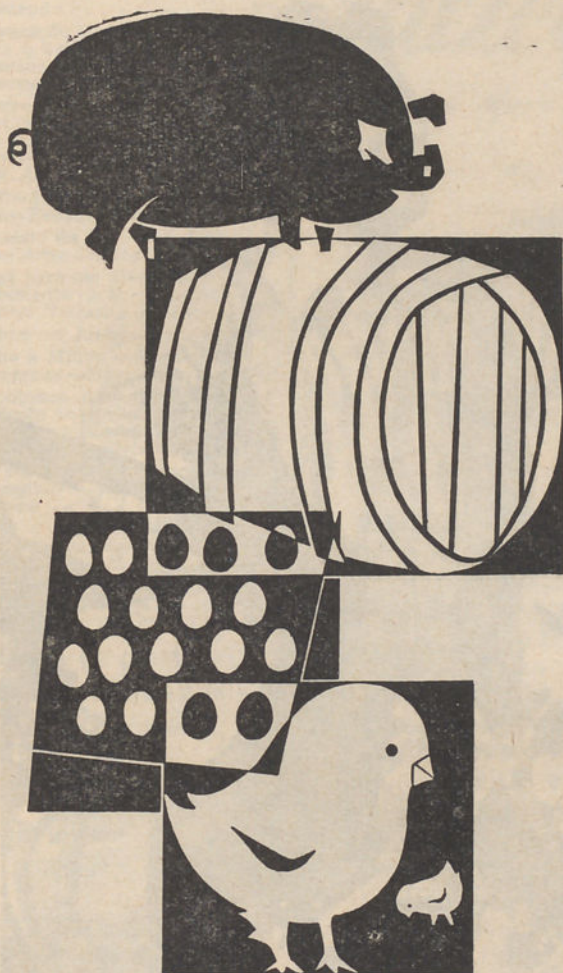
### Animais - Aves - Rações

Preparam-se juntando aos cereais ou  
resíduos « Cálcio + Vitaminas e  
Antibióticos » (Mais economia e  
eficiência)

### Laboratório da Farmácia Pinho

GUIA — LEIRIA

4309



**Na chamusca  
dos porcos**

**Na extracção  
de sarro  
do vasilhame**

**Nas chocadeiras**

**Nas criadeiras  
de pintos**

2744



***PROPACIDLA***

**O MELHOR GÁS  
AO SERVIÇO  
DA INDÚSTRIA**

**POR QUE É  
QUE OS HOMENS  
COM UMA VONTADE  
MAIS FORTE  
DE PROGREDIR**

**USAM ASPOR?**



Todos queremos progredir. Todos queremos uma vida melhor. Uns conseguem-na. Outros não.

É que há homens com uma vontade mais forte.

Homens que vão longe. Esses preferem Aspor.

O Aspor dá cabo do míldio. É eficaz, persistente, económico.

Com Aspor—as suas vinhas são mais sãs, mais fortes!

Com Aspor—uvas fartas, pipas cheias, lucros graúdos!

Use Aspor e viva melhor!

**ASPOR MAIS FORTE QUE O MÍLDIO MAIS FORTE**



ANTES DE USAR LEIA O FOLHETO

## SUMÁRIO

Esclarecendo . . . . .	398
A cooperação pode contribuir para o bem-estar dos camponeses — Eng. Agrónomo Henrique Bonifácio da Silva . . . . .	398
Apontamento florestal — A importância de um bom trabalho do solo para o desenvolvimento da populicultura — M. A. . . . .	395
Agro 70 — III Exposição-Feira Agro-Pecuária do Norte . . . . .	594
Vocabulário da Ria — Eng. Agrónomo Artur Castilho . . . . .	598
Achegas para um plano de ordenamento rural — Arquitecto J. Pinto Machado . . . . .	401
Trabalhos em Junho . . . . .	403
De Miño a Minho — Angulas y Lampreas — Eliseo Alonso . . . . .	407
Os problemas da vulgarização agrícola nos países em vias de desenvolvimento — José Luis Pessoa da Graça . . . . .	409
De vez em quando . . . — No mundo da mulher — Esteticista Yvonne Jeannine . . . . .	412
Culturas a usar nos novos regadios — Eng. Agrónomo e Silvicultor Carlos H. Gomes Ferreira . . . . .	414
Caça e Pesca — Armas em desuso — Almeida Coquet . . . . .	416
<b>SERVIÇO DE CONSULTAS</b>	
— Patologia Vegetal e Entomologia . . . . .	419
— Medicina Veterinária . . . . .	420
— Direito Rural . . . . .	420
Intermediário dos lavradores	470
Informações . . . . .	422

## A NOSSA CAPA



Monumento a D. João IV  
Vila Viçosa

## ASSINATURAS

Ano . . . . .	10000
Semestre . . . . .	55000
Número avulso . . . . .	5000
Estrangeiro (Excepto Espanha) — mais . . . . .	50 %

Visado pela Comissão de Censura

# Gazeta das Aldeias

Fundada por *Julio Gama*

REVISTA QUINZENAL DE PROPAGANDA AGRÍCOLA

DIRECTOR  
AMÂNDIO GALHANO

Engenheiro Agrônomo

EDITOR JOAQUIM A. DE CARVALHO

Propriedade da Gazeta das Aldeias (S. A. R. L.) • Redacção e Administração: Av. dos Aliados, 66 — PORTO  
Telegramas: GAZETA DAS ALDEIAS — PORTO • Telefones: 25651 e 25652

Composto e impresso na TIPOGRAFIA MENDONÇA (Propriedade da GAZETA DAS ALDEIAS)  
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.º — PORTO

## ESCLARECENDO

A nossa última «nota de abertura» valeu-nos reparos em número que estávamos longe de esperar, o que muito nos alegra na medida em que mostra haver quem pelo assunto se interessa.

Mas antes de darmos explicações é necessário rectificar duas gralhas. Uma de fácil correcção — saiu Ormagnac por Armagnac. A outra altera o sentido da frase — no penúltimo período onde se lê *preparativamente*, deverá ler-se *prejurativamente*.

E feitas estas correcções vamos ao caso.

A legalidade do emprego do *caramelo* em aguardentes vínicas e bagaceiras velhas está explícita e concretamente estabelecida pelo Despacho de 7 de Junho de 1966 do Secretário de Estado da Agricultura que reveste mesmo aspecto doutrinário quando diz que o uso do caramelo "é tradicional na coloração de várias bebidas espirituosas, entre elas as designadas por "aguardentes", mesmo as de mais reputada origem".

Toma ainda aspecto de despacho esclarecedor quando diz haver "conveniência em definir a legalidade do seu emprego na coloração das aguardentes vínicas e bagaceiras"

e tornar-se "necessário esclarecer que o caramelo é incluído entre os produtos a que se refere o art. 13.º do Decreto-Lei n.º 35 846 de 2-9-946".

O despacho, publicado no «Diário do Governo» — I Série — n.º 145 de 24 de Junho de 1966, conclui:

"Determino . . . que seja considerado entre as substâncias a que se refere o mesmo artigo o produto designado por "caramelo" ficando o seu emprego, no âmbito deste decreto-lei, unicamente autorizado nas aguardentes vínicas e bagaceiras como bebidas espirituosas".

Em próxima nota veremos o que determinam os regulamentos franceses.



## A cooperação

# pode contribuir para o bem-estar dos camponeses

**F**ILOSOFANDO um pouco, comparemos a nossa mente a uma pequena casa, como o fez Freud, considerando no subterrâneo — o inconsciente; no andar principal, onde nos entretemos e convivemos — o consciente; no sótão, estaria — a consciência — «o censor moral, a polícia».

Ora, é precisamente no sótão, na presença do «censor moral, da polícia», que vamos situar aquele facto narrado no último artigo, sobre aquela dama, que, ao passar no seu magnífico «espada» junto de um laranjal, e ao avistar a proprietária, teve a ousadia de pedir para lhe vender um quarteirão de laranjas, pela irrisória quantia de 3\$50!

Pretendemos julgar este caso conscientemente, a fim de aplicarmos a sentença mais adequada, a que nos parece mais justa.

Escalpelizemos esse facto, nada dignificante.

A notícia, que nos foi comunicada, semelhante a tantas outras, que se desenrolam na vida dos cultivadores, e que tanto os amachucam, deprimindo uma pro-

---

Por  
HENRIQUE BONIFÁCIO DA SILVA  
Eng. Agrônomo

---

fissão que a todos aproveita, menos os camponeses, merece uma crítica, um comentário severo.

Nós vivemos, sentimos os problemas da ruralidade, conhecemos os esforços imensos, que essa nobre profissão suporta, os magros recursos que os agricultores arrecadam ou não os sacrifícios, que essa boa gente passa, as despesas e as preocupações constantes, por causa da tirania do clima; tantas noites de insónia, que os homens do campo vivem — é um alerta contínuo, pois num ápice, tudo pode ficar destruído, por uma saraivada intensa, por uma camada de geada extemporânea, por uma epidemia, que, inevitavelmente mata o gado, pelas pragas que dizimam as culturas, — eis o longo cortejo de casos imponderáveis, a que está sujeita uma pro-

fissão. As incontroláveis variações meteorológicas, a soberba dos intermediários, a incompreensão dos cidadãos, são outros tantos factores, que diminuem o moral dessa gente humilde.

O conjunto destes factos pode provocar o perigo. Não foi a tentativa de compra, representando um acto isolado, que conduz à crise, num determinado aspecto. «A crise está no carácter sísmico que ela reveste».

Casos reais como este, alastram por todo o território. Convencem-se, que o campo tem de fornecer aos cidadãos, os alimentos ao preço mais baixo possível, para melhorar as suas condições de existência.

Certamente, aquela senhora, no dia seguinte, teve de pagar no mercado as laranjas por 6, 7, 8\$00/kg, não achando caro, só porque se trata de um ramo privilegiado, denominado comércio.

«Não é excessivo considerar, que no Século XX o ramo agrícola se tornou o parente pobre da vida económica».

Mas, que diferença de critérios tão substanciais?! E' um mal radicado nos espíritos das gentes, que está muito generalizado! Não existe qualquer espécie de consideração para com a produtividade! O trabalho do campo é mal recompensado, é diminuído, é explorado continuamente, devido à sua débil capacidade económica.

Os habitantes cidadãos têm dificuldade em compreenderem o mal-estar dos camponeses. «A agricultura dá aos homens a sua alimentação, e por isso, é fonte de todo o esforço, de toda a actividade humana. À primeira vista, parece inconcebível, que seja tão mal recompensada».

Como sentença aplicada àquela senhora e a todas as pessoas, que trilham pelo mesmo caminho, fazendo propostas pouco honestas, limitámo-nos a dar-lhes uma jorrada de adjectivos: Displícientes, subestimadores, egoístas, avarentas, indiferentes, usurárias. Carecem de formação moral, para darem o devido apreço a um trabalho social de tão grande significado, mas tão vilipendiado!

Temos de ir em auxílio dessa classe pouco privilegiada, para que o camponês jámais se considere membro de uma pro-

fissão abandonada, a uma sorte pouco invejável, por uma colectividade frívola e egoísta. A acção daquela senhora subestima a produção, diminui o entusiasmo da comunidade camponesa, contribui para que haja uma concepção pessimista do destino dos agricultores; essas manobras têm de ser recriminadas.

Nas cidades, a fruta é cara, nem toda a gente a pode comprar; mas, os intermediários enriquecem escandalosamente. Esses manejos humanos, nada escrupulosos, merecem a mais viva repulsa.

Encurte-se, a todo o custo, o caminho entre a produção e o consumo, pela criação de cooperativas, eliminando-se assim os intermediários. Beneficiam os produtores e os consumidores.

Não costumamos desanimar facilmente. Temos esperanças na protecção dos poderes públicos, pois nunca se observaram contactos tão íntimos entre o Governo e o povo. Têm procurado auscultar, de perto, os seus anseios, as dificuldades imensas, os problemas complicados dessa boa gente, que labuta arduamente, sempre na esperança de melhores dias. As preocupações dos governantes têm-se encaminhado no sentido de haver uma vida melhor, no sector rural, mais assistência técnica e económica.

Julgamos ser de capital importância a educação e a instrução, considerando-se os sustentáculos sólidos do progresso agrícola — são os elementos — chave, para abrir as portas à entrada do desenvolvimento agrário.

Nas escolas rurais, haveria grande utilidade na criação de uma disciplina de agricultura, teórica e prática. O ensino da agricultura teria efectivamente grande repercussão no incremento agrícola. Daí, sairiam os futuros dirigentes das cooperativas, os empresários agrícolas. Se algumas das cooperativas existentes não funcionam no âmbito da doutrina estabelecida, afastando-se dos princípios basilares da cooperação, é porque os seus dirigentes não estão à altura do empreendimento, carecem de formação cooperativa, de ordenação e de instrução, ou encontram-se dominados por um espírito individualista, que é estéril, e desumano — característica fundamental dos exploradores do trabalho —; afastam-se da solidariedade, e por-

tanto, compromete-se o êxito da finalidade cooperativa. E' este quanto a nós, o maior mal, que reside nas organizações existentes. E' útil não esquecer, que os interesses da comunidade têm de se sobrepor aos interesses de uns tantos.

No dizer de E. Thomas, « não há cooperativas sólidas sem cooperadores esclarecidos e fiéis, não há cooperadores esclarecidos e fiéis, sem educação cooperativa ».

Na instrução primária, e, principalmente, nos centros rurais, seria vantajoso infundir no espírito dos jovens, as noções de cooperação, pela criação de cooperativas escolares. Os rapazes elegendo a direcção dessas pequenas cooperativas — presidente e tesoureiro, sentir-se-iam entusiasmados com a ideia, tornar-se-iam mais desenvolvidos, habituavam-se a tomar decisões, iniciativas. Nas assembleias, superiormente orientadas pelos professores, deliberavam o destino das receitas, que poderiam ser aplicadas, em excursões educativas e recreativas, ou, ao embelezamento da escola, à compra de objectos para diversões, etc..

Nessa massa, plena de juventude, ainda sem deformações, é mais fácil incutir os sentimentos de lealdade, a dedicação dos corações, o entusiasmo pelas coisas simples e sãs, sentimentos estes, que se adquirem e educam, e não podem ser comprados, como o dia de trabalho de um homem, a sua presença fisica num certo lugar, etc., como muito bem insinua Thomas. Esses rapazes apresentar-se-iam no futuro, mais esclarecidos e convictos, e, sentir-se-iam envolvidos pelas noções de responsabilidade social, inclinados à disciplina e despertados pelo gosto da perfeição.

« Para dirigir é preciso preparar-se como para qualquer outra profissão; não é uma questão de jeito, de bom senso, confirma

Barny; não é aplicação de fórmulas, ou receitas que será preciso conhecer. Dirigir é transformar uma verdadeira profissão que tem a sua filosofia e a sua técnica ».

Criar cooperativas em número crescente, mas tendo a dirigi-las homens aptos, ricos em conhecimentos, quer económicos, comerciais ou financeiros, quer relacionados com o dirigismo destes sistemas, e, sobretudo, providos de uma sólida estrutura moral — condições primordiais para o sucesso do movimento, parece ser o melhor processo para se obter uma agricultura florescente.

« As cooperativas visam « a abrir lâminas » dessa « famosa tesoura dos preços », que sempre têm actuado contra os agricultores, mesmo quando estes beneficiam de certa organização dos mercados; e também a crescerem automaticamente a receita das explorações ao nível destas, antes de associadas. Ora quem diz aumento de receita diz, em larga medida, aumento de nível de vida, melhoria de alimentação, do vestuário, da habitação, maior preocupação pela educação, melhores possibilidades de lazer e de viagens » (Guy Selaries).

Terminamos com palavras, que traduzem afinal o que se passa na realidade: « Hoje, os agricultores sabem perfeitamente que o nível do rendimento adquirido depende principalmente das condições, que se efectua o encaminhamento dos produtos para o utente final. Como vimos, têm o sentimento de que o essencial dos ganhos obtidos a título de alimentação remunera não o trabalho do campo, mas a intervenção do negócio. Assim, impõe-se e estende-se a ideia de que os intermediários arcam com a responsabilidade da pauperização dos camponeses » (Meynaud).





## *Apontamento florestal*

# A IMPORTÂNCIA DE UM BOM TRABALHO DO SOLO PARA O DESENVOLVIMENTO DA POPULICULTURA

O alargamento da cultura do choupo a terrenos de menor nível de humidade permanente — e que, por isso, eram considerados sem interesse para a mesma — tem-se tornado possível algumas vezes com a adopção de uma técnica de cultivo que, por exigente no trabalho do solo, está ligada ao emprego de potentes meios mecânicos.

Esta técnica, e no que a ele concerne, compreende uma cuidadosa preparação do terreno, que, a par da destruição da vegetação existente, deverá romper a compacidade do solo e facilitar a penetração do ar e da água, a que se seguirá a plantação a não menos de 80 cm, isto para se permitir à planta instalar as raízes naqueles horizontes onde a alimentação hidrica esteja praticamente ao abrigo das variações estacionais. Depois, no decurso dos 3 a 4 primeiros anos, proceder-se-á à mobilização superficial do solo, com o objectivo de impedir o reaparecimento das espécies concorrentes e conservar nele a indispensável permeabilidade, período no qual se poderá praticar ainda a cultura intercalar, ou seja, enquanto a folhagem não estiver muito desenvolvida.

Semelhante consociação, de precorizar quando rendável e tecnicamente viável e que recairá, por exemplo, sobre

uma sachada, como o milho, é susceptível, não só de compensar, com as suas receitas anuais, os custos de estabelecimento e de manutenção do povoamento, como até de atenuar os encargos financeiros dos investimentos efectuados.

J. Pourtet, a propósito da técnica cujos princípios acabamos de enunciar, referiu recentemente, num artigo intitulado «Progrès en Populiculture», inserto na *Revue forestière française*, que, num conjunto de choupais experimentais instalados, pelo menos a 7 m x 7 m, em solo seco (nível da água no Verão a mais de 1 m da superfície) e constituídos por uma série de clones, os benefícios com ela alcançados se revelaram substanciais, quer no que respeita aos pegamentos, visto que a percentagem de mortalidade se cifrou em apenas 10,5%, contra 33% em blocos não sujeitos à dita técnica, quer no atinente ao acréscimo, em especial nos primeiros anos, que, traduzido, nestes, por circunferências médias à altura do peito de 59,2 cm aos 10 anos e de 89,2 cm aos 15 anos, atingiu, naqueles, 83,2 e 116,6 cm, respectivamente.

Também Jiri Mottl, como informa o *Bulletin de la Société Royale Forestière de Belgique*, afirma, em artigo publicado

(Continua na pág. 406)

# AGRO 70

## III EXPOSIÇÃO-FEIRA AGRO-PECUÁRIA DO NORTE

Braga  
23-30 de  
Junho 1970

Política de orientação,  
de disciplina e de  
apoio à Lavoura

*O opúsculo informativo da AGRO-70  
titula o capítulo I de "Política de  
Orientação, de Disciplina e de  
Apoio à Lavoura".*

*Tem manifesto interesse o desenvol-  
vimento dado à matéria em causa  
e daí o inserimo-la, mesmo que,  
em aspectos de pormenor, não  
estejamos inteiramente de acordo  
com ele, aproximando, como o  
faz, certas matérias que não con-*

*vém serem tratadas conjunta-  
mente.*

*Isto não invalida o valioso esforço e  
a clara intenção de encarar, a ní-  
veis actuais, problemas caudentes  
que esperam solução.*

### **A—Apoio à reestruturação e reno- vação das empresas agrícolas**

1—Incentivação da constituição de  
explorações agrícolas económicamente  
viáveis:

a)—Pelo estudo e financiamento de  
operações de emparcelamento;

b)—Pelo apoio financeiro e técnico a  
iniciativas colectivas de agricultores (agri-  
cultura de grupo e cooperativas de pro-  
dução, transformação e comercialização);

c)—Pela concessão de créditos para  
a compra de prédios limitrofes;

d)—Pela proibição de excessiva fra-  
gmentação predial.

2—Concessão de créditos, e até de  
subsídios, para o melhoramento das in-  
fraestruturas da exploração agrícola: sur-  
ribas, drenagens, captação de águas e sua  
distribuição, instalações agrícolas (silos,  
nitreiras, estábulos...) compra de máqui-  
nas, melhorias de acessos, etc..

3—Concessão de facilidades de crédito aos empresários agrícolas:

a) — Pelo financiamento das Caixas de Crédito Agrícola Mútuo;

b) — Através da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência;

c) — Fundo de Melhoramentos Agrícolas;

d) — Fundo Especial de Reestruturação Fundiária;

e) — Fundo de Fomento de Cooperação.

## **B — Condicionamento cultural e tecnológico e respectiva fiscalização**

1 — Proibição de determinadas culturas: por exemplo os produtores directos de vinho.

2 — Incentivação de outras culturas:

a) — Pela concessão de subsídios de cultura: milho híbrido, criação de novilhos de carne e novilhas leiteiras, ...

b) — Pela concessão do direito ao uso de marcas de origem e aposição de selos de garantia: vinho verde, vinho do Porto, batata de semente, sementes de milho híbrido e de trigo seleccionado, sementes hortícolas, ...

c) — Pela oferta de sementes e plantas: para pomares, matas, prados, etc..

d) — Pelo estabelecimento de preços de garantia a determinados produtos agrícolas e pelo saneamento de excedentes de produção.

3 — Incentivação do uso de melhores técnicas:

a) — Pela concessão de bónus na aquisição de determinados produtos auxiliares da produção agrícola: adubos, correctivos calcários, etc.;

b) — Pela concessão de subsídios de produção: milho híbrido, trigo seleccionado, etc..

4 — Condicionamento da importação de produtos concorrentes e respectiva

fiscalização: batata de semente e de consumo, vinhos, etc..

5 — Condicionamento da comercialização de produtos concorrentes e respectiva fiscalização: vinhos maduros na região dos vinhos verdes, misturas de óleos vegetais comestíveis, etc..

6 — Estímulo à melhoria da qualidade dos produtos:

a) — Pelo escalonamento dos preços de garantia: trigo e outros cereais, leite, carnes, etc..

7 — Defesa sanitária dos animais agrícolas.

## **C — Controle da qualidade dos auxiliares da produção agrícola**

1 — Fiscalização das condições de produção: nos viveiros de fruteiras, nos campos de produção de sementes, etc., e emissão de certificados de garantia.

2 — Licenciamento dos postos de cobrição.

3 — Fiscalização das sementes e progulos importados.

4 — Exigência de serviços de assistência técnica aos vendedores de máquinas.

## **D — Investigação e experimentação de novas técnicas e novos produtos destinados à lavoura**

## **E — Ensino agrícola e divulgação**

1 — Ensino agrícola: escolas de capatazes agrícolas, cursos de adegueiros, de formação de empresários, de podadores, de tractoristas e condutores de máquinas, de resineiros, de descorticadores, de guardas e capatazes florestais, de vaqueiros, de tratadores de explorações porcinas, de apicultores, de gestão e contabilidade, de formação familiar rural, etc..

2 — Divulgação agrícola:

a) — Através de palestras e colóquios com lavradores;

b) — De programas da rádio e televisão;

(Continua na pág. n.º 400)

# Vocabulário da Ria

Pelo Eng. Agrônomo ARTUR CASTILHO

## A TERRA

**Alfaca** — Não regista C. Figueiredo nem Morais. Na Gafanha corresponde a *alfaique* ou *alfaque*, sendo para C. Figueiredo "banco de areia movediça, recife"; e, para Morais, "banco, baixio, cabeça ou monte de areia móvel que se forma à entrada dos portos, na foz dos rios ou nas costas, tornando difícil a navegação... Pego ou cova funda produzida pela deslocação da areia".

**Alva** — Seguramente pela cor clara, o mesmo que *lomba*, *lombo*, *medo*, *médão*, afrancesadamente *duna*.

Escreveu-se no secular relatório sobre os arrozais portugueses no meado do século passado (1):

"Formando uma larga taxa de terrenos planos, apenas interrompidos por

(1) Relatório sobre a cultura do arroz em Portugal e sua influência na saúde pública, apresentado a Sua Excelência o Senhor Ministro dos Negócios do Reino pela Comissão criada por portaria de 18 de Maio de 1859. Lisboa. Imprensa Nacional. 1860. 555 págs. — Pg. 396.

ondulações pouco consideráveis, estão os concelhos situados ao poente do districto; os quaes, em geral, ou se extendem até á costa do Oceano, ou cercam a vasta bacia acessivel ás marés, que se denomina a Ria de Aveiro. Esta bacia é naturalmente dividida em duas porções: uma limitada pela alva ou duna de S. Jacyntho" ...

**Andôa** — 1. Para C. Figueiredo é: "Espécie de barro azulado, que se tira na margem esquerda da ria de Aveiro". Morais altera um tanto: "Espécie de argila das margens dos rios, aplicada nos concelhos de Ílhavo, Aveiro, etc., no fundo dos cristalizadores das marinhas de sal, para os tornar impermeáveis".

Escreveu Carrington da Costa (2):

"Grés fino claro muito argiloso — andoa — por vezes quase argila compacta com manchas dentriticas vermelhas".

(2) Arquivo do Distrito de Aveiro. Revista trimestral para publicação de documentos e estudos relativos ao districto: "O Neocretácico da Beira Litoral", J. Carrington da Costa. Aveiro. 1937. N.º 11. — Pg. 197.

2. Em Aveiro também é lodo do leito da ria, negro e pesado, tirado ou não juntamente com o moliço e utilizado na fertilização das terras.

**Ándua**—1. Não regista C. Figueiredo. E Morais insere assim: "*Ter. de Aveiro. Terra argilosa que se emprega na preparação das marinhas (?).—Andoa*".

2. Tem os mesmos sentidos que *Andoa*.

**Areal**—Na Torreira, o mesmo que costa marítima ou *praia* pelo contraste com a terra cultivada do interior.

**Areia do mar**—A areia do litoral, da costa, que se distingue da areia interior. Escreveu o erudito e probo Dr. Alberto Souto (3):

"As areias marítimas que pela finura do seu grão, cor, isenção de poalhos e composição siliciosa, o povo tão bem classifica chamando-lhe areia do mar, para as distinguir das areias do interior, de grão mais volumoso e que se apresentam sempre acompanhadas de caolino ou outros produtos argilosos, exigem atenção especial".

**Arzil**—Areia finíssima, extraída do leito dos rios e utilizada no fabrico de louça de barro preto, para evitar que a pasta deslize sobre o disco de modelação.

**Azorra**—O mesmo que *zorra*. Usada principalmente pela gente menos culta.

**Barro caeiro**—Em Cantanhede, pelo menos, terra fortemente argilosa, na mancha jurássica, que é o prolongamento da de Mealhada (Barcoiço, Casal Comba, Ventosa).

**Bichoiro**—1. Os dicionários trazem como "seixo miúdo, pedrinha".

2. Na região antes é *calhau rolado*. Escreveu o Dr. J. Carrington da Costa (ob. cit., pg. 195) ao enumerar as camadas

geológicas entre o Canal de S. Roque e o ramal da Companhia Portuguesa (C. P.):

"b)—*Areia fina micácea com camadas mais ou menos regulares de pequenos calhaus rolados—o "bichoiro"—passando a areia com quartzo e filitos rolados, gradualmente em mais nitida estratificação*".

Tal como *adobe*, *bogo*, *bogueixo* (Alg.-Monchique), *bolêgo* (Baixo Alentejo), *china* (Beira e Alentejo), *coio* (Minho, Trás-os-Montes e Douro), *ganhoto* (D.-Freixo de Espada à Cinta), *gode* ou *godo* (Minho), *gogo* (Minho), *gojo* (Trás-os-Montes), *gurgau*, *jancaro* e *jângaro* (Baixo Alentejo), *joga* (Douro) quando achatada, *jogo* (T. M.-Valpaços), *jolga* ou *jogla* (Beira).

Pedra de diferente tamanho e natureza, mais ou menos arredondada e lisa, pela acção das águas.

**Bijoeiro**—Igual a *bichoiro* ou *bichouro*.

**Bijoiro**—Como *bichoiro* e *bijoeiro*.

**Bordeira**—Em Oliveira de Azeméis, o mesmo que *beira*, *beirada*, *borda*, *bordo*, *faixa*, *orla*, *orladura*: extensão de terreno, antes estreita e de condições mais ou menos semelhantes, ao longo de qualquer acidente geográfico.

**Borraçal**—1. Também aparece *borrassal*. Em Cândido de Figueiredo "Terra pantanosa com pastagem. Lameiro"; e nos reformadores de Morais, "lugar cheio de lamas e coberto de ervas; outros dizem *morraça*, *morraçal*.—Lameiro".

2. Verdadeiramente é terreno pantanoso, encharcado, povoado de ervas em que predomina a *Borraça*.

Lá aparece em documento do meado do século XVII (1627), de emprazamento de uma marinha, reproduzido pelo P.<sup>e</sup> Vieira Rezende (Ob. cit. pg. 286):

"*Tiem a dita capella quinze meos de marinha no lemite da dita villa de Aveiro, onde chamam o Troncho, que parte da banda do norte com viveiro da marinha de Thomas Coelho, e da banda do sul*

(3) *Origens da ria de Aveiro. Apontamentos sobre a Geografia da Beira Litoral*, Alberto Souto. Aveiro, 1923. Livraria João Vieira da Cunha. 167 pgs. 2 cartas desdob. — Pgs. 84-86.

com borrassal da cal da villa d'Aveiro, e do soão com cal... que vai para Esgueira"...

**Broeira**—Em Águeda, aglutinado de areia de grão grosso, das formações do triássico, que se esboroa facilmente.

Presta-se para cultura da vinha depois de arroteamento. Dá vinho de qualidade.

**Burgau**—Ou *borgau* como também aparece grafado. I. Nos dicionários equivale-se a "pedra miúda de envolta com areia grossa; cascalho".

2. Em Préstimo e seu termo, iguala *quarço, seixo*. Escreveu o P.<sup>e</sup> João Domingues Arêde<sup>(4)</sup>:

"Na serra de Macieira d'Alcoba há grandes camadas de seixo branco (*borgau*), e ainda outras camadas de calhaus rolados, de cor avermelhada uns, e pardacenta outros".

**Cabal**—Aparece em documento do século XVII, que transcreve na sua monografia o abade Vieira Rezende (Ob. cit., 293):

"hu chão e salgueiral junto à fonte de além que hoje hé Orta que possue Hjerónimo de Figueiredo da Cunha, está no cabo do caril junto a São Gregório; hua vinha aonde chamão a pega, que hoje he chão que possue o Lecenceado Pimentel, e está no cabal de São Gregório que vai pera as marinhas".

Corresponde a *cabedelo*.

**Cabeço**—1. Definem semelhantemente C. de Figueiredo e os reformadores de Morais: "O ponto arredondado e mais alto de um monte.—Monte pequeno, outeiro".

2.—Na região também é o terreno que, nos braços da Ria, fica a descoberto na baixa-mar.

**Cambalhão**—1. Os dicionários atribuem-lhe vários significados:—Nos Açores (S. Miguel), *camalhão*.—Na Beira,

(4) *Estudos Regionaes*, João Rodrigues Arêde, abade de Cucujães, Couto de Cucujães. 1925. Escolla Tipográfica do Colégio das Missões. 52 pgs., 1 declaração e 1 errata. — Pg. 10.

pequeno monte de terra, que se faz na cava.—No Douro, terra que os maus cavadores deixam crua e cobrem com outra a seguir para não se atrasarem.

2. Em Águeda, pelo menos, vale por *cômoro*. Deixou Adolfo Portela<sup>(5)</sup>:

"Está a gente sentada num cambalhão do rio, e parece-lhe à vista que é capaz de chegar com a mão ao cimo dos outeiros que há em volta".

**Corda do mar**—A faixa territorial mais próxima e ao longo da costa marítima.

**Costinalheira**—O mesmo que *lomba, lombada*.

Em documento de 23 de Janeiro de 1627, reproduzido pelo erudito P.<sup>e</sup> João Vieira Rezende, na sua valiosa "Monografia da Galanha" (pg. 293), lê-se:

"hu (por hua) *Costinalheira* e huma leira de terra que tudo tras António Borges, de Esgueira dentro de sua Cerca de que se obrigou a dar conta e entregar as varas que o tombo dis".

**Crasta**—Morais repete C. Figueiredo que define, baseado—diz—em S. Pimentel: "Cêro revestido de pinhal que limita as dunas".

A definição é pouco precisa e poderia dispensar a francesia. Melhor se diria: "Orla interior, seguida ou interrompida, povoada espontaneamente de ervas, matos e pinheiros, a qual separa a terra firme das lombas, medos, medões ou medãos costeiros".

Actualmente não se encontram *crastas* na zona da Ria. Já em 1899 escrevia S. Pimentel<sup>(6)</sup>:

"Ao norte do Mondego, na grande região das dunas, as crastas hoje desapareceram de todo ou apenas se vêem vestígios delas pois foram arrasadas pelo vento quando noutra tempo teve lugar o derrote dos pinheiros que as guarneciam".

(5) *Águeda. Chronica, Paizagens, Tradições*, Adolpho Portella. Porto, 1904. Typographia da Empresa Litteraria e Typographica. 416 pgs. — Pg. 13.

(6) *Gazeta das Aldeias*, 4.º ano (1899) N.º 183, pg. 101: "As Crastas", C. A. de Sousa Pimentel.

**Eixo**—Na Costa Nova, *calhau-rolado*.

**Encrustada**—Diz-se da faixa de areia em que espontâneamente se fixam plantas e por isso se tornou *crasta*.

Encontramos testemunhos no trabalho do Rev. Vieira Rezende (Ob. cit., pgs. 71, 105, 197):

"Desde o início da colonização, era por este processo de ocupação (simples apossamento) que os colonos adquiririam as suas propriedades até à total absorção das areias fixadas e encrustadas pelos juncos, fenos e outras ervagens".

"Quando se tiverem realizado todos estes melhoramentos, em que o Estado pode e deve intervir, teremos uma Gafanha muito diferente da Gafanha dos fins do século XVII e princípios do século XVIII. Nesses recuados tempos, era ela deserta, encrustada com juncais, cordeirinhos, relvas e fenos".

"Com a nova Barra os pescadores abandonaram em grande número, como já dissemos, a velha costa, para frequentarem a costa nova (onde vieram de arribada), tendo por isso de atravessar as dunas e o grande prado da Gafanha, ao tempo encrustado ou coberto de feno e junco e frequentado pelos poucos habitantes dali e pelos pastores".

**Escorreguento**—O mesmo que *escorregadiço*, *escorregadio*, *escorregável*, *resvaladiço*, *resvaladio*.

**Fundego**—1. Os dicionários definem como "campo no fundo de uma ribanceira".

2. Mas na Ria diz-se o terreno com fundo, que tem fundura, que não é superficial.

**Gândara**—E noutra forma *gandra*, que assim definem os dicionários:—"Terreno arenoso, pouco produtivo ou estéril.—Terreno despovoado, mas coberto de plantas agrestes; *charneca*".

Nem uma nem outra definição satisfazem. À *gândara* liga-se a ideia de ter-

reno pouco ondulado, antes seco e coberto de vegetação rasteira, erbácea e lenhosa.

O qualificativo de *agrestes* para as plantas povoadoras é pouco expressivo e pode originar confusão. É que *agreste* é o que respeita ao campo, tanto a erva como o arbusto ou subarbusto.

No caso, assim como para a *charneca*, o mais característico é o *mato*, seja o conjunto dos arbustos e subarbustos e também a fraca ondulação do terreno, antes seco.

A caminho da serra de Buarcos desdobra-se extensa zona que pelos caracteres apontados, foi denominada precisamente a *Gândara*. O grande cientista que foi Carlos Ribeiro abriu assim um seu trabalho (7):

"O districto da Beira que encerra maior numero de filões e offerece os caracteres d'uma verdadeira região metallifera, é sem duvida a parte occidental do districto d'Aveiro que comprehende os cinco concelhos de Villa da Feira, Oliveira de Azemeis, Albergaria a Velha, Sever do Vouga e Cambra. Esta zona está situada de Norte a Sul entre os rios Douro e Vouga, na extensão proxima-mente de 40 kilometros de comprimento por 10 a 20 de largo: prende pelo Nascente ás altas montanhas que formam as serras do Arestal e da Freita, onde o seu relevo participando da profunda accidez d'aquellas montanhas, se simplifica pouco a pouco para o lado do Oeste, mas de um modo desigual, até que se confunde com o terreno baixo denominado a Gandra, que vai topar com o Oceano e formar a Linha da Costa".

Esta faixa de terreno baixo, ao longo da costa, diferenciou-se numa subregião geográfica. Assim se exprime o prof. Amorim Girão (8):

(7) *Memoria sobre o grande filão metallifero que passa ao nascente d'Albergaria a Velha e Oliveira d'Azemeis*, por Carlos Ribeiro, sócio efectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Lisboa. MDCCCLX. Typographia da mesma Academia. 1 carta desd. e 52 pgs.—Pg. 53.

(8) *Esboço duma carta regional de Portugal. Com a indicação das Bases para a classificação das subregiões portuguesas*, Aristides de Amorim Girão, professor da Faculdade de Letras de Coimbra. Coimbra. 1930. Oficinas de Coimbra Editora Ld., 68 pgs.—Pg. 34.

"A subregião da Gandara, correspondendo aproximadamente ao retalho de Pliocénico que se estende pelo litoral de Aveiro e Coimbra, mostra que há sensível identidade de características geográficas entre as bacias vizinhas do Vouga e do Mondego, na última secção dos seus respectivos cursos.

E originou topónimos em vários concelhos principalmente do Minho: Esposende, Fafe e Guimarães, aqui nos diminutivos *Gandarela*; Oliveira de Azeméis, Paredes, Ponte de Lima, Valença, Valongo.

Documentou também Adolfo Portela (Ob. cit., pg. 388):

"Vejam ainda, para mais admiração, como esses cabêços dos oiteiros e das gandaras maninhas se cobrem de fartos ninheiraes, mal o penisco toca na terra, caído das mãos do lavrador, à lei da natureza".

**Ilhote**—Já dicionarizado como *ilhoco*, *ilhota*, *ilhoto*, *ilhéu*. Aparece em Memória sobre a Ria de Aveiro que, do original, copiou Sousa Brandão<sup>(9)</sup>:

"As águas do Vouga aumentadas com as de alguns ribeiros, que cercam a villa de graciosa verdura cavaram em outro tempo na espaçosa planície um não profundo, mas ameno valle, que se alarga entre quintas contra o oriente, e deixando espaços de terreno mais elevados dos quaes se fizeram ilhotes e salinas, conduziu a indústria um canal, ou esteiro que sobe e desce com o fluxo, e refluxo das marés".

**Ínsua**—1. Não difere Morais de C. Figueiredo: "Pequena ilha de areia banhada de algum lado por um rio, e de outro ou outros por levada ou corrente que sai do mesmo rio. Pequena ilha de areia no Vouga, Mondego e Minho. Ilhota, leziria. Terra regadia junto ao rio".

2. Na Pateira de Fermentelos, segundo a definição do eng. agrón. Mário

<sup>(9)</sup> Arquivo do Distrito de Aveiro. Vol. III (1937), pg. 93.

Pato<sup>(10)</sup> e o consenso público, é pequena ilha que emerge do seio das águas, de diâmetro variável, geralmente pequeno (6-20 m), constituída inicialmente por conglomerado de raízes e detritos vegetais, a que se fixaram nateiros e onde depois se desenvolveram vegetais, mal fixas ao fundo e por isso às vezes arrastadas pelas cheias.

(Continua)

<sup>(10)</sup> A Pateira de Fermentelos. Ante-projecto de enxugo. Dissertação inaugural, apresentada e defendida por Mário dos Santos Pato. Instituto Superior de Agronomia. Lisboa. 1919. Tipografia Adolfo de Mendonça, Lda.. 85 pgs. e 1 ind. e 2 desenhos desdobráveis. — Pg. 11.

## AGRO 70 — III Exposição-Feira Agro-Pecuária do Norte

(Continuação da pág. 595)

- c) — De sessões de cinema e cedência de filmes;
- d) — Da realização de exposições e organização de concursos;
- e) — Da oferta de publicações de divulgação;
- f) — Da distribuição de cartazes;
- g) — De campos de demonstração;
- h) — Do estabelecimento e orientação de explorações piloto.

### F — Fiscalização da qualidade dos produtos lançados no mercado pela lavoura

1 — Fiscalização da qualidade e estado sanitário de óleos alimentares, de leite e derivados, das farinhas, das carnes, etc..

### G — Fornecimento directo à lavoura de determinados serviços

### H — Protecção dos recursos naturais

1 — Protecção dos solos agrícolas, dos recursos hídricos, da caça, da pesca, das belezas naturais, de valores turisticos da paisagem, etc..

### I — Segurança e promoção social de empresários e trabalhadores agrícolas



# Achegas para um plano de ordenamento rural

Por  
J. PINTO MACHADO  
Arquitecto

**P**ARA além de tudo aquilo que até ao momento consideramos, é inegável pressupor que um plano de ordenamento desta natureza carece de bases sólidas e de regimes jurídicos que tornem possível dar sequência à programação a estabelecer. Donde que haverá de ter-se em atenção entre variados e múltiplos aspectos jurídicos, os seguintes pontos:

1—*a*)—regimes jurídicos apropriados, em ordem ao direito de propriedade e ao direito de exploração;

*b*)—regimes de arrendamento rural;

*c*)—constituição legal de sociedades de economia mista, de gabinetes técnicos destinados a estudos e a obras de acção rural e agrícola, de associações de agricultores, de uniões de grémios e de cooperativas, etc., etc.;

*d*)—contratos a realizar entre agricultores e os mercados gares regionais ou as cooperativas de produção e consumo.

2—Disposições tributárias e novos moldes de atribuição de subvenções e de créditos agrícolas, englobando, entre outros não mencionados (por já existentes e conhecidos), os seguintes outros aspectos:

*a*)—isenções tributárias mais amplas;

*b*)—redução de impostos inerentes a explorações agrícolas e a indústrias transformadoras;

*c*)—subvenções a conceder para a formação de sociedades de economia mista, associações, departamentos privados, sindicatos mistos, etc..

3—Para além das participações financeiras e dos subsídios ora existentes, destinados ao fomento da habitação rural e às construções agrícolas, torna-se necessário ir mais além, concedendo os seguintes créditos ou subvenções especiais:

*a*)—empréstimos para a construção ou a beneficiação de casas em explorações agrícolas de interesse turístico, as quais podem ser arrendadas a famílias urbanas, durante os períodos de férias. Para o efeito, deverá ser exigido um mínimo de equipamento (electricidade, água domiciliária,

esgotos, instalações sanitárias, etc.). O requerente fica obrigado a arrendar a propriedade pelo prazo de dez anos e, no mínimo, três meses por ano, sendo os arrendamentos controlados pelo Estado;

b) — empréstimos a autarquias locais, para procederem ao abastecimento domiciliário de água, de electricidade, de esgotos e de pavimentação ou correcção de arruamentos;

c) — empréstimos a agricultores para que, em zonas turísticas (quer litorais quer interiores), possam levar a efeito melhoramentos ou ampliações (particularmente de quartos de cama asseados e higiénicos) nas respectivas habitações, no sentido de serem arrendadas, a baixo preço, a turísticas de fracos recursos.

Verifica-se, assim, que estas acções deverão subordinar-se a conscientes planos de urbanização rural e de ruralismo, a fim de se assegurar que toda a população rural e agrícola atinja condições de vida semelhantes à dos restantes dois sectores de actividade e de se garantir a preservação do carácter familiar da vida rural.

Uma política de bem-estar rural constitui, em boa verdade, uma tarefa complexa, pois que se apresenta como uma resultante fundamental de diversas tarefas que devem desenvolver-se paralelamente aos programas de crescimento económico. Ora este deve, acima de tudo, garantir e assegurar, a curto prazo, o suporte de preços e de rendimentos e melhorar, a prazo mais longo, as condições estruturais da agricultura e da vida nos campos.

Tentar resolver adequadamente estas situações, significa garantir, em grande parte, a participação do meio rural e agrícola na tarefa indómita que as nações se propõem levar por diante: o desenvolvimento integral de todo o território.

Todos estes problemas carecem, pois, de uma planificação cuidada e, sobretudo, de uma execução em moldes de simultaneidade, para que assim se observe um equilíbrio constante em todo o esquema da reestruturação do meio rural e agrícola.

Com efeito, difícil será contar com o indispensável apoio e a franca colaboração da população rural — que, apesar de tudo, ainda constitui um forte contingente de toda a população metropolitana — se ela continuar a viver assoberbada por problemas de ordem material, social, habitacional, higiénica e educativa, quando se pretende utilizá-la (e principalmente servi-la) para cooperar e viver intensamente em todas as fases executivas de um planeamento desta natureza.

E sabendo-se que o homem, reconhecido como parte integrante da sociedade (neste caso o homem rural) e tido como principal elemento da engrenagem do desenvolvimento, necessita de sólidas garantias de fixação no lugar e na actividade que ocupa. Essas garantias são, entre outras, o nível de vida melhorado (portanto um melhor poder de compra), um espaço físico e biológico bem organizado onde viver em perfeita vida comunitária e uma casa cómoda e suficiente onde habitar nos moldes exigidos pela vida actual.

Grande parte destas tarefas estão, pois, subordinadas às disciplinas do urbanismo rural, visto que o seu primordial objectivo se refere ao estudo das organizações sociais em ordem ao espaço em que se articulam.

Nesta ordem de ideias, tanto esta forma de planificação como os programas de ruralismo, haverão de considerar, nas suas bases orientadoras, a fixação, o entretenimento e a viabilidade económica do homem que vive no campo. Para tal, deverão promover valorizações tendentes a aumentarem o rendimento humano e a definirem o equipamento dessa vasta zona territorial com um mínimo de infraestruturas e de serviços de interesse comum, tão indispensáveis à vida comunitária das respectivas populações.

Não cabe pois dúvida admitir-se que, em qualquer estudo urbanístico-rural, o exame às extensões agrícolas, ao homem, às características de todos os componentes do meio campestre e ao respectivo equipamento de base representa um valor demarcado e a respeitar na própria essência do programa de reestruturação do meio rural.

# Trabalhos em Junho

## Nos campos

Iniciar ou continuar, para o Centro e Sul, os alqueives de Verão.—Estravessar, entravessar, refender ou atalhar as terras já decruadas e gradar outras para as abafar a tempo.

Terminar, nos primeiros dias, as sementes do milho, de folha, com ou sem feijão rasteiro, feijanico ou feijoa; semear milho de relva, restivo ou contrafeita, estreme ou associado àquelas leguminosas.

Não esquecer tratar a semente com os insecticidas próprios para proteger a planta jovem dos ataques do «alfinete» que tantos prejuízos causa.

Ultimar a sementeira de feijanico ou feijão frade, estreme, e a do feijão do tipo «pear-bean», nas terras frescas.

Terminar a sementeira e a plantação do arroz, nos terrenos apaúlados, adubando previamente as marinhas em seco.—Adubar em cobertura o já plantado há três semanas ou o semeado.—Plantar pimentão e tomate para a indústria.

Sachar (decruar, arrendar) batata, feijanico, girassol e milho e amontoar já batata e milho de sequeiro.

Mondar e regar linhos e cânhamos. Regar prados de trevo violeta e de luzerna.

Capar melões e abóboras, assim como os tomateiros adiantados, e aplicar-lhes nitrato ou nitramoncal em cobertura, se for necessário.—Fazer as arrelentas, relenteios ou desbastes necessários.

Sulfatar batatais e tomatais com caldas cúpricas ou de fungicidas orgânicos de síntese e defender do piolho especialmente os meloais (melões e melancias), e feijoais.

Ceifar e debulhar cereais de pragana (centeio, cevada, trigo), tendo o cuidado de separar as manchas melhores para a semente.

Apanhar e debulhar ervilhas e favas.—Apanhar garrobas e misturadas, seradela para semente, assim como bersim e trevo da Pérsia.

Apanhar no Algarve, o grão-de-bico mais adiantado.

Segar ou gadanhar os lameiros ou

lenteiros, e secar, atar, embarracar ou enfardar os fenos.

---

### Nos olivais

---

Regar onde seja possível, as plantações mais atrasadas para garantia do pegamento.

Estar atento aos ataques da «mosca» que tantos estragos causam. O combate a esta praga é já hoje possível, mas para ser economicamente viável há que observar com cuidado o olival de forma a fazê-lo só quando necessário e na oportunidade devida.

Inspecionar as prumagens para lhes quebrar os ladrões se aparecerem e os enxertos para os aliviar da vegetação desnecessária.

Chovendo, estravessar ou redrar mais uma vez com grade de molas ou escarificador, e abafar de seguida ou ao mesmo tempo.

---

### Nas vinhas

---

O mês de Junho é um dos meses mais críticos para a vinha sob o ponto de vista da sua sanidade. O mildio, se ataca, pode destruir a produção pela invasão dos cachos, que faz cair e abortar. E o oídio se o tempo é favorável, não mais os abandona até que aparece o pintor.

Tem de estar-se atento para intervir sem tardança. A calda cúprica ou as caldas de fungicidas orgânicos de síntese continuam a aplicar-se preventivamente; o enxofre usa-se curativamente, quando o oídio se manifesta.

Se num ou noutro ponto, porque houve descuido, é ineficaz, recorre-se à calda de permanganato a 0,75 a 1 por mil. Lembrem-se ainda as vantagens das caldas mistas de cobre e enxofre ou de orgânicos e enxofre. Os modernos enxofres molháveis e os micronizados facilitam a sua preparação e aplicação.

Apesar de bastante diferente, tem-se

confundido já o mildio com o oídio. Depois dos bagos estarem já vingados, aparece uma modalidade de mildio que é designada no Minho por guedelho.

O aspecto pulverulento à primeira vista indica o oídio ou cinzeiro. Mas observação mais atenta mostra logo as diferenças: o guedelho é, a bem dizer, mais granuloso e mais claro e na primeira fase, despega-se do bago com facilidade; o cinzeiro, farinha ou farinhoto é pó mais fino e acinzentado.

O tratamento com o enxofre é ineficaz contra o guedelho. Só as caldas de permanganato, seguidas de caldas cúpricas podem, até certo ponto, entrar a doença.

À medida que a temperatura se eleva e o ar seca diminuem as possibilidades de ataques tanto no mildio como do oídio. Mas, é nos sítios baixos, nos vales apertados e mal arejados, onde a humidade possa acumular-se, que o mildio e o oídio podem fazer estragos se não se estiver atento.

### A desfolha e o esladramento

São operações que se completam e andam ligadas. Tiram-se as folhas mais velhas, abaixo do primeiro cacho e eliminam-se todos os ladrões ou mamões que não seja necessário aproveitar para formar vara de poda. A desfolha está indicada nas videiras muito folhudas e nos sítios mais húmidos e menos ventilados. Favorece a limpa ou purga e facilita os tratamentos fungicidas. Mas é necessário fazê-la com especial cuidado. Não se pode, como é frequente, arrancar ao acaso. Cortam-se as folhas a meio pé só onde é preciso e sempre pela parte de baixo do primeiro cacho.

O esladramento deve preceder a desfolha. É que a eliminação de um ladrão basta às vezes para evitar o corte de folhas.

No tronco, até os primeiros braços, todos os ladrões desaparecem, a não ser que seja necessário deixar nalgum liso uma espera. Nos braços cortam-se todas as varas que apareçam em volta da principal. Deixando-as, prejudica-se não só o crescimento da principal como posteriormente, na poda, se têm de fazer outras

tantas feridas. Geralmente não se presta o devido cuidado a este pormenor e daí o acontecer que as varas de poda são más e as cepas enfraquecerem com os sucessivos ferimentos.

Correntemente as varas desnecessárias são esgarçadas. O processo é mau, porque dá origem a ferimento grande. É mais recomendável quebrá-las o mais possível. Com o polegar e o indicador, o serviço faz-se rapidamente. A unha do polegar também às vezes se usa vantajosamente.

---

### Nos pomares

---

Enxertar, ainda de anel, enquanto a casca der, nas regiões mais frescas — amendoeiras, ameixeiras, castanheiros, nogueiras e pessegueiros; e de escudo (olho vivo) os citrinos e outras fruteiras.

Observar a ligadura dos enxertos feitos anteriormente e eliminar os rebentos dos cavalos ou padrões.

Redrar e regar os pomares de espinho e os bananais. — Cortar os rebentos em excesso das bananeiras e libertá-las das folhas secas e da flor dos cachos. — Aplicar cal ou sucedâneos, nos terrenos que a não possam de preferência na forma líquida.

Defender das pragas e malinas: do pedrado das pereiras com caldas apropriadas; — da lepra do pessegueiro; — das lapas, escamas e cochonilhas com emulsões oleosas de Verão; — dos piolhos ou pulgões com caldas nicotinadas, e caldas apropriadas que se encontram no mercado; da mosca da fruta, com frascos apanha-moscas ou caldas clordânicas; de vários insectos, com faróis armadilhas durante a noite.

---

### Nos viveiros

---

Mudar plantas do seminário para o plantório. — Sachar, mondar, regar e esladroar. — Aplicar nitrato ou nitramoncal

ou água choca, se for necessário estimular.

Enxertar segundo as espécies dos cavalos que existam, especialmente as fruteiras de caroço por anel, apito, gaita ou canudo.

Abrijar nascedios do excesso do Sol, especialmente das laranjeiras e de eucaliptos.

---

### Nas matas e nos matos

---

Recolher gema nos pinhais de acordo com as boas regras técnicas.

Descortiçar, segundo as regras estabelecidas e com o cuidado necessário para não ferir o entrecasco ou a mãe da cortiça.

Concluir o corte de eucaliptos nas regiões continentais de Verão seco e prolongado e de Inverno rigoroso sujeito a fortes geadas.

Cortar matos para camas e estrumes, cuja produção pode intensificar-se pela elevação do calor onde não falte água.

Limpar aceiros e arifes.

Intensificar a vigilância contra incêndios.

---

### Nos jardins

---

Semear ainda em sítios frescos e abrigados dos ardores do Sol, anémonas, boas-noites, chagas, galhardias, gipsofila, papões. — Alporcar craveiros.

Transplantar papagaios, sécias, zínias; e mudar para os vasos maiores, os cri-sântemos enraizados.

Regar, mondar e sachar intensamente. Desligar os enxertos das roseiras, feitos anteriormente quando tiverem 3 a 4 folhas, para que se não dê o estrangulamento dos ramos; — aplicar nitrato, nitramoncal ou água choca àquelas cuja floração quiser prolongar-se. — Estacar as dalias.

Cegar os botões excessivos aos craiveiros em flor, para que esta atinja toda a pujança.

Quando as folhas principiarem a amarelecer levantar as cebolas das plantas que já floriram—lírios da transilvânia, gladiolos, jacintos e tulipas, guardando-as, depois de libertas da terra, em tabuleiros colocados em local seco e arejado.

---

### No apiário

---

Procede-se à colocação de alças, no norte do País, segundo o critério e as regras mencionadas no mês anterior.

No sul terminam, geralmente nesta quadra, as extracções do mel; mas na zona central é quando se iniciam.

Em todas as localidades em que as abelhas costumem fazer ainda uma colheita serôdia de néctares, as alças, depois de esvaziadas do seu conteúdo, são, ao anoitecer, novamente colocadas nas colmeias, onde se deixam ficar até Setembro ou Outubro, conforme a região do País.

Nesta altura é que se faz a extracção do mel outoniço e se retiram as alças definitivamente para o armazém.

Nas regiões, porém, em que as abelhas não consigam proporcionar-nos nenhuma colheita no tarde, as alças, após a extracção, voltam para as colmeias apenas pelo espaço de dois ou três dias, a fim dos favos serem limpos dos restos de mel que contenham, sendo depois desse prazo retiradas para casa, onde ficam empilhadas até à Primavera seguinte, desinfectando-se periódicamente com vapores de enxofre por causa da «traça».

Toda a cera proveniente de favos velhos, bem como a resultante da desperquação deve ser, conforme dissemos no mês anterior, rápida e cuidadosamente purificada e depois enviada para uma oficina de moldagem.

Continua a recomendar-se a todos os apicultores a conveniência de apartarem, por ocasião da cresta, alguns quadros com favos de mel oporculado, que deverão conservar armazenados, a fim de

poderem socorrer facilmente, e com eficácia, os enxames que durante o Inverno venham a apresentar-se com falta de provisões.

Sendo já elevada a temperatura nesta altura do ano deve proceder-se à distribuição pelo apiário de tachos com água, munidos de bóias de cortiça, para as abelhas se dessedentarem.

Convém igualmente proporcionar maior arejamento a todos os enxames que forem encontrados a fazer «barba», isto é, que mostrem sofrer de excesso de calor.

### *Apontamento florestal*

A importância de um bom trabalho do solo para o desenvolvimento da populicultura

(Continuação da pág. n.º 395)

em *Communicationes instituti forestalis cecosloveniae*, que, comparados trinta e sete clones em diversas «estações» e submetidos a tratamentos culturais diferentes, enquanto de um dispositivo experimental a outro a ordem classificativa da produção em volume mostrou variações de pouca monta e a classificação das diferenças entre clones se revelou quase idêntica quanto aos acréscimos em altura e em diâmetro, já no referente aos tratamentos os resultados haviam sido muito diversos, e até espectaculares, consoante o solo fora preparado localmente à enxada, com lavoura total ou com lavoura total repetida após a plantação. Assim, e segundo o citado autor checoslovaco, estas três modalidades, aplicadas aos mesmos clones e numa mesma «estação», conduziram a acréscimos em volume caracterizados, respectivamente, pela relação 1:2:4, após cinco anos, num exemplo; por 1:3:7, após três anos, noutro; e por 1:16 e 1:12, após três e quatro anos, quando confrontados os tratamentos extremos.

M. A.

## DE MIÑO A MINHO

# ANGULAS Y LAMPREAS

**H**ACE pocos días, en Tuy y en Arbo, respectivamente, las angulas y las lampreas han celebrado sus fiestas fluviales, que convocan a una gran cantidad de gastronomos que, a la mesa, rinden feliz homenaje a estas dos exquisitas especies del río internacional.

Haciendo S, S, por los meandros de la foz del Miño entran las angulas en noches procelosas o de llovizna, cuando el mazarico diluye su piar asustado entre el vendaval que revuelve la corriente. Siempre eligen, para el pescador, estas lunas desapacibles, desviándose de las corrientes centrales para aproximarse a las orillas donde son capturadas.

Corre el «meixón» — que ahora nombramos en nuestro lenguaje del bajo Miño —. Los anguleros o «meixoeiros» surgen de la lluvia envueltos en sus abstractas capas de junco y ropas de agua como inesperadas apariciones. Portan en sus manos esos inapagables faroles del miedo, que muchos han confundido, asustados, con la visión de una Santa Compañía fluvial. Así, su pesca se practica a la luz del farol que las atrae, manejando, desde tierra, el cedazo o «arrastón» que las captura entre su malla tupida. Otras veces,

se pescan desde las chalanas típicas. Corre el «meixón» y el angulero tampoco ha de detenerse en la oportunidad del banco que pasa.

Es esta la pesquería más rendidora de todo el Miño, cuyo cómputo se hace en millones de pesetas por temporada. La angula que, a pie de río, se paga a cien pesetas kilo llega a Madrid, Bilbao o Bar-

---

Por ELISEO ALONSO

---

celona sobrepasando las mil pesetas para ese mismo peso. Un refrán asegura que a río revuelto, ganancia al pescador. Pero aquí las ganancias van para el intermediario.

En cuanto a la lamprea (*Petromyzon marinus*) es un pez con más tradicionalidad. Se trata también del más primitivo y rudimentario habitante de nuestra fauna fluvial, ya que su cartilago es una especie de eslabón arcaico entre los vertebrados y los protovertebrados. Sube por el río a comienzos de enero, para el desove. Pero no siempre está en sazón. Un refrán lo

confirma: «No abril, pra min; no maio, pro amo; no San Xoán, pro can». Esta lamprea, que llega cuando el cuco canta por los valles sosegados y a la vera de las vueltas o «vales» del Miño, le llaman la cuquenta o cucal.

Por semejarse a un culebrón con manchas grises, en ciertos pueblos de Galicia, las embarazadas se niegan a comerla, por creer que si así lo hiciesen el hijo nacería con esas mismas manchas en la piel.

Otra creencia por paralelismo asegura que cuando se ven caminar los cordones de orugas de pino (procesionarias) es señal de pesquería abundante, pues se cree que otras «procesiones» de lampreas están remontando el río.

Lamprea viene del latín «lampetra» o «lame piedras», por asirse a las del fondo. Otra buena denominación gallega es la de «peixe dos sete buracos», por tener siete agujeros branquiales a cada lado de la cabeza, semejantes a los ojos de buey de un navío. «A lamprea ten a boca fea». Pero en la mesa resulta exquita. De ello ya daban fe los legionarios romanos, muy aficionados a su carne de potente sabor.

Lo mismo que, siglos después, el glotón Alejandro Dumas (padre) que, tras recoger la receta del caldo gallego, cita a la lamprea entre los mejores pescados. No dijo lo mismo el Dr. portugués Francisco da Fonseca Henriques, médico del Rey Don Juan V, conocido por el sobrenombre de Dr. Mirandela, por ser natural de esta villa, el que si bien reconoce que fue muy alabada por los antiguos e incluso por los de su época, nos dice que se cuece mal en el estómago y que considerando su agradable sabor y los muchos estragos que ocasiona, le llaman «veneno doce».

Hay que buscarla en los cuartos de luna, pues prefieren aguas muy tranquilas, «de palangana», como dicen. Se pesca con la redde llamada «lampreeira». En cambio en las partes altas del río se capturan en los «pescos» o pesqueras con el «biturón» y la «cabaceira», en medio de un río que ruge y se hace espuma en sus rápidos.

Pero sobre la lamprea habría mucho más que hablar, y lo haremos en otra ocasión, para no alargar demasiado este artículo.





# Os problemas da vulgarização agrícola nos países em vias de desenvolvimento

Adaptação de JOSÉ LUÍS PESSOA DA GRAÇA

**P**ARA melhor compreensão dos problemas especiais apresentados aos serviços de vulgarização agrícola nos países ou regiões em vias de desenvolvimento é necessário tomarmos boa consciência das causas de tais problemas, que são as condições económico-sociais que, regidas à escala local, são devidas à acção de forças permanentes.

A vontade de sobreviver e de melhorar a sua sorte tem sempre incitado o homem a reagir em relação ao seu meio, seja adaptando-se a ele, modificando-se sempre que possa, ou seja ainda, simultaneamente, das duas formas.

É preciso não esquecer que estes processos de adaptação e de transformação foram muito lentos, mas nas regiões desenvolvidas a sua marcha se tornou actualmente muito mais rápida do que nas regiões ditas «em vias de desenvolvimento».

Se compararmos as forças libertadas nos países ou regiões desenvolvidas com as das em vias de desenvolvimento, verifica-se que as primeiras sofrem mudanças cada vez mais marcadas e muito mais

rápidas, enquanto que as segundas, cujos meios de adaptação são mais restritos, não podem manter uma marcha nem tomar amplitudes que seriam perfeitamente normais em países evoluídos.

É, portanto, evidente que é o próprio ritmo do progresso quem determina o tipo e a natureza dos problemas que surgem em cada categoria de países. Na maioria dos casos, estes problemas apresentam facetas diferentes, dada a diversidade dos respectivos ritmos de desenvolvimento.

## Algumas particularidades

Julgamos oportuno apresentar neste artigo alguns aspectos característicos dos países em vias de desenvolvimento. Ei-los:

1. Percentagem elevada de analfabetos, em conjugação com também elevada percentagem de rurais no cômputo da população activa, em que a agricultura ocupa de forma característica um lugar predominante em relação às outras indústrias.

2. Taxa de natalidade bastante alta, em que as famílias numerosas adquirem um carácter patriarcal. Este modo de vida influi grandemente em numerosos aspectos do comportamento humano. Por exemplo, os outros membros destas famílias, dependendo estreitamente do «pater familia», nunca têm ocasião de tomar decisões e a de desenvolver a sua iniciativa. Tais atitudes de espírito, muito espalhadas na população, são um dos elementos porque, no geral, a administração destes países endossa a solução dos problemas para os serviços de vulgarização agrícola.

O presente artigo não tem por finalidade o enumerar e analisar todos os problemas um por um, tanto mais que já existem relatórios sobre o assunto, onde são expostos uma grande parte dos problemas que afectam os países em vias de desenvolvimento.

Nestes países, os agentes dos serviços de vulgarização agrícola fazem, no geral,

votos que um rápido sucesso venha coroar os seus esforços, apesar de muitos deles se sintam frustrados ao verificarem que o afastamento entre os seus países e os já desenvolvidos longe de diminuir não cessa de se alargar.

Uma análise mais profunda mostra-nos que as forças que, de facto, condicionam o desenvolvimento apenas não forjaram as particularidades actuais das diversas sociedades, mas também o trabalho incessante em melhorar que, por seu lado, liberta novas forças. No entanto, está estabelecido que as forças que se libertam das características próprias dos países em vias de desenvolvimento não podem ser senão modestas, mas o contrário é verdadeiro quando se trata de países desenvolvidos.

O quadro que a seguir reproduzimos ilustra claramente esta situação e reproduz as características mais importantes, tanto dos países em vias de desenvolvimento como dos evoluídos, as suas incidências

***Incidências da taxa de desenvolvimento das sociedades sobre as características da instrução***

Taxa de desenvolvimento	Características da instrução
<p style="text-align: center;">1. <i>Fraco</i></p> <p>A instrução a esta taxa de desenvolvimento não liberta senão forças muito fracas para permitir um rápido desenvolvimento.</p>	<p>Percentagem elevada de analfabetos. A instrução é concebida como destinada a indivíduos muito jovens e não aos adultos. Falta de variedade nas formas de instrução. Os programas dos estabelecimentos permanecem pouco mais ou menos inalterados ou modificados.</p>
<p style="text-align: center;">2. <i>Elevado</i></p> <p>Uma instrução adaptada a este ritmo de desenvolvimento liberta importantes forças que contribuem para acelerar o movimento em frente.</p>	<p>Fraca percentagem de analfabetismo. O acento é sobre a formação profissional permanente. A instrução é dispensada sob formas extremamente variáveis. Existem, a todo o momento, numerosas possibilidades de receber uma formação profissional prática. O programa das matérias ensinadas é frequentemente modificado para responder a novas necessidades. O ensino obrigatório de base compreende, no mínimo, nove anos de estudos. A especialização é muito alargada a quase todos os níveis de formação profissional.</p>

sobre a taxa de crescimento nestas duas categorias de países.

Este quadro, por razões de simplicidade, apenas mostra as características da instrução, em virtude da sua grande importância para os vulgarizadores agrícolas. Todavia, é evidente, que o estudo de qualquer outra característica nos teria conduzido às mesmas conclusões, dado que um raciocínio aplicado à característica do analfabetismo, é igualmente aplicável aos outros pontos mencionados no quadro.

É também evidente que um ensino adaptado a este fraco ritmo de desenvolvimento pode não pouco contribuir para o aceleração da sua cadência.

### O outro lado da rua

As coisas passam-se de modo muito diferente nas sociedades desenvolvidas. Nelas, cada um nota profundamente a necessidade de aprender a ler, preliminar indispensável a todas as etapas da vida.

Quando os pedidos de mão-de-obra requerem uma formação profissional e qualificações elevadas ou conhecimentos especializados, os indivíduos são, na sua

maioria, compelidos a adquirir as necessárias noções. A instrução recebida suscita forças que originam novos impulsos ao desenvolvimento, apesar da sua cadência já ser elevada.

É suficiente chamarmos de novo a atenção que não há ainda muito tempo numerosas regiões ou países, hoje desenvolvidos, eram também subdesenvolvidos.

Dada a experiência adquirida por estes países, pode-se razoavelmente supor ser possível abreviar o lapso de tempo necessário aos países em vias de desenvolvimento para atingirem o estágio de desenvolvidos.

Para se tirarem destas experiências todos os frutos que elas possam dar, é necessário estudar-se atentamente e a fundo os problemas dos países pouco desenvolvidos. Tal procedimento permitiria evitar as tentativas tendo em conta as realidades, o que, por seu lado, abriam o caminho a novos e importantes progressos.

Elementos colhidos na  
Revue Agricole de L'OCDE  
N.º 2 — 1969

... sua paciente, ao moral como ao ... considera-se como operação estética. ... a do nariz e, por isso, é a mais procurada.

### NARIZ

Pode-se fazer a partir dos 17 anos, desde que a fisionomia atinja a sua forma definitiva. O nariz não deverá ficar totalmente diferente do nariz original, bastando corrigir-lhe os defeitos e nunca o cirurgião se deve deixar tentar pela inspiração duma rapariga fantasista, que pretenda ter o nariz da sua artista favorita sem saber, no entanto, se estaria de acordo com a sua pessoa.

A paciente terá de sujeitar-se a demoradas consultas, nas quais será submetida a várias fotografias de face e de perfil, onde se estudarão diferentes traços até

... operação, os instrumentos monstruosos, a cirurgia estética caracteriza-se pela delicadeza dos instrumentos. Os aparelhos apresentam-se os mais estéticos possíveis, tanto em largura e comprimento, como espessura, para que deles resultem cicatrizes mínimas.

Como em qualquer operação, também esta exige certos cuidados e é necessário tomar algumas precauções. Antes da intervenção, é indispensável uma análise de urina, para pesquisa de albumina e diabetes, valor globular, tempo de coagulação, grupo sanguíneo, fórmula leucocitária, bem como uma radiografia aos pulmões e um electrocardiograma. Para isso, terá a paciente que entrar na clínica com a antecedência de 24 horas, e só depois de estar tudo em condições é que se realiza a operação. A intervenção pode ser feita com anestesia geral ou local, consoante os casos sejam mais ou menos complicados; depois de se desinfecar cui-

(Continua na pág. 421)

## De vez em quando...

# NO MUNDO DA MULHER

### A cirurgia estética

#### 1. Fraco

A instrução a esta taxa de desenvolvimento não liberta senão forças muito fracas para permitir um rápido desenvolvimento.

#### 2. Elevado

Uma instrução adaptada a este ritmo de desenvolvimento liberta importantes forças que contribuem para acelerar o movimento em frente.

gente possa transformar o rosto ou a silhueta como melhor lhe agradar.

Cocteau « que um defeito

Percentagem elevada de corrigir, numa fisionomia, A instrução é concebida como a fisionomia, viduos muito jovens e não aos adultos. «lma».

Falta de variedade nas formas de instrução. Os programas dos estabelecimentos permanecem pouco mais ou menos inalterados ou modificados.

Fraca percentagem de analfabetismo.

O acento é sobre a formação profissional permanente.

A instrução é dispensada sob formas extremamente variáveis.

Existem, a todo o momento, numerosas possibilidades de receber uma formação profissional prática.

O programa das matérias ensinadas é frequentemente modificado para responder a novas necessidades.

O ensino obrigatório de base compreende, no mínimo, nove anos de estudos.

A especialização é muito alargada a quase todos os níveis de formação profissional.

ou cicatrizes provenientes de queimaduras).

Se bem que uma cicatriz ou queimadura na cara seja coisa muito inestética e que a cirurgia plástica constitua um grande recurso para quem delas sofra, hoje trataremos em especial da cirurgia estética. Cirurgia plástica e estética, se bem que pareça, não são a mesma coisa. A cirurgia plástica trata essencialmente de casos patológicos, deformações congénitas, traumatismos, tumores, etc., enquanto que a cirurgia estética se ocupa daqueles onde só a aparência é modificada.

Embora existam algumas pessoas que suportam com resignação qualquer desgraciosidade, para outras é motivo de grandes complexos, tornando-lhes a vida insuportável, procurando todos os meios para suavizar e amenizar o seu mal. Por conseguinte, numerosas mulheres e raparigas, ainda que com um pouco de hesitação antes de se decidirem, entregam-se com toda a confiança nas mãos do seu cirurgião.

O cirurgião é, pois, responsável pelo destino das suas clientes tornando-as belas ou menos feias.

Actualmente, as intervenções ainda são muito caras, no entanto, o cirurgião, nas operações estéticas, esforça-se sempre por vir ao encontro da sua paciente, tanto no que respeita ao moral como ao material.

Considera-se como operação estética-tipo, a do nariz e, por isso, é a mais procurada.

#### NARIZ

Pode-se fazer a partir dos 17 anos, desde que a fisionomia atinja a sua forma definitiva. O nariz não deverá ficar totalmente diferente do nariz original, bastando corrigir-lhe os defeitos e nunca o cirurgião se deve deixar tentar pela inspiração duma rapariga fantasista, que pretenda ter o nariz da sua artista favorita sem saber, no entanto, se estaria de acordo com a sua pessoa.

A paciente terá de sujeitar-se a demoradas consultas, nas quais será submetida a várias fotografias de face e de perfil, onde se estudarão diferentes traços até

que o cirurgião adquira uma ideia precisa de como irá ficar o nariz da sua cliente.

*Como rectificá-lo* — Se a paciente é detentora de um nariz comprido, é necessário encurtá-lo, e, para isso, suprime-se um segmento da membrana, alonga-se a cartilagem e, por fim, faz-se o reequilíbrio da base. Se ele não for longo mas se estiver desviado, endireita-se a membrana ao mesmo tempo que se refaz o nariz no seu conjunto para obter melhores proporções e permitir uma boa respiração nasal.

Vejamos agora como proceder nos casos do nariz aquilino e do nariz achatado.

No primeiro, tem de se suprimir de início a corcova, depois apertam-se os ossos para o equilibrar, pois de contrário ele tornar-se-ia muito largo em relação à altura.

No segundo, é necessário que as cartilagens das abas sejam diminuídas; seguidamente, aperta-se a base dos ossos. Se for demasiadamente achatado, eleva-se uma parte de cada narina no sitio da dobra.

Existem ainda outros casos, mas estes são os mais vulgares.

*Operação* — Enquanto que em qualquer operação, os instrumentos nos parecem monstruosos, a cirurgia plástica e estética caracteriza-se pela delicadeza dos instrumentos. Os aparelhos apresentam-se os mais estéticos possíveis, tanto em largura e comprimento, como espessura, para que deles resultem cicatrizes mínimas.

Como em qualquer operação, também esta exige certos cuidados e é necessário tomar algumas precauções. Antes da intervenção, é indispensável uma análise de urina, para pesquisa de albumina e diabetes, valor globular, tempo de coagulação, grupo sanguíneo, fórmula leucocitária, bem como uma radiografia aos pulmões e um electrocardiograma. Para isso, terá a paciente que entrar na clínica com a antecedência de 24 horas, e só depois de estar tudo em condições é que se realiza a operação. A intervenção pode ser feita com anestesia geral ou local, consoante os casos sejam mais ou menos complicados; depois de se desinfecar cui-

(Continua na pág. 421)

# Culturas a usar nos novos regadios



Por CARLOS H. GOMES FERREIRA  
Eng. Agrónomo e Silvicultor

**P**ARA que poderá servir cultivar mais nabos em Portugal, se eles são obtidos de norte a sul do País e que se saiba nunca rareiam nas cozinhas portuguesas?

Sem dúvida que este facto é verídico, mas o problema devemo-lo situar noutra parte, que é o da Lavoura dos novos regadios precisar de encontrar culturas novas, ou já conhecidas, que lhe permitam tirar uma maior rentabilidade das suas terras e por isso temo-nos limitado a procurar fornecer alguns apontes técnicos e práticos, através dos quais essas explorações agrícolas o venham a conseguir...

E neste momento julgamos poder incluir a cultura dos nabos, porque apesar de ser uma cultura muitíssimo divulgada na nossa terra, forma geral encontramos a realizada como que em hortejos e muito raramente com aspecto industrio-comercial.

O nabo é uma planta que se pode levar à alimentação humana, ou para forragem dos animais. É uma cultura altamente vantajosa porque se trata duma planta em que tudo se aproveita. O homem come-a em: nabiça; a rama das plantas já feitas — em sopa e esperregado — as cabeças quando adultas (que são os nabos propriamente chamados) dos mais variados modos e ainda por cima também consume as suas flores e hastes florais, quando espigadas, que são os tão apreciados grelos de nabo. Além disso as suas pequenas sementes são utilizadas nalguns casos para enfeitar certas bolachas de aperitivo, as quais depois de levadas ao forno dão ao produto que enfeitam um sabor muito especial...

Mas a acrescentar a todas estas utilizações que desde as primeiras idades o homem lhe dá, não poderemos esquecer o interesse que tem para os animais, em

especial os bovinos, que comem sempre no seu todo com o maior agrado e avidez...

E a juntar a todas estas suas aplicações há ainda nos nossos dias uma outra que julgamos nunca se ter visto ou nela pensado, que é cultivar nabos em extensão cultural, para após a sua selecção e preparação das cabeças em embalagens apropriadas, tratar de as exportar para os grandes centros de consumo na Europa. Queremos referir-nos concretamente à sua exportação, para o que haverá de utilizar o mais rápido transporte entre o país que as produz e os territórios que as adquiram, isto é, conduzi-las por avião, para que não percam a sua frescura, paladar e aspecto de primor.

Londres, Paris, Roma, Hamburgo, etc., viriam certamente a consumir todas as cabeças de nabo, de certas variedades, que as lavouras de novos regadios cultivassem e exportassem para o estrangeiro pela sua organização associativa, com a protecção e auxilio, claro está, dos Serviços e Instâncias Officiais.

Pertencem os nabos à Família das Crucíferas, estando classificados como a *Brassica Napus*, L.

E' uma planta bi-anual, indígena, da qual existem muitas variedades cultivadas em duas épocas, a saber: as temporãs e as serôdias.

Antigamente apareciam também variedades francesas e inglesas mas hoje em dia há já muito que os lavradores e as casas de sementes se fixaram nas que indicamos:

Variedades temporãs. *Saloio, das Virtudes, de S. Cosme, de Sintra, Inglês, Redondo, de Seis Semanas, de Grelo.*

Variedade serôdia. *Inglês, Comprido, roxo.*

Em tempos idos, nalgumas regiões de Portugal, como por exemplo na região Saloia dos arredores de Lisboa, as sementes dos nabos eram lançadas à terra sem que esta sofresse qualquer preparação. Contudo, hoje em dia, está-se plenamente convencido de que os nabos, como qual-

quer outra planta, precisam de ter para cama uma terra bem preparada, fofa, funda e com uma certa contextura, para que as suas cabeças se possam desenvolver com facilidade e uniformemente. Por isso devemos levar estas plantas somente a terras fortes, frescas e fundas que estejam bem trabalhadas e mobilizadas, mas nas quais se tenha lançado estrume à razão de 30 ton/ha (tempos antes da sementeira), não esquecendo à lavoura de sementeira adubar com os três elementos básicos, utilizando 100 kg de cloreto de potássio, 300 kg de superfosfato e ainda 100 a 150 de adubo azotado. Em cobertura, após as plantas nascidas, quando pretendermos forçar o crescimento, usar-se-á ainda adubo azotado.

A sementeira dos nabos, pode ser feita no Inverno ou no Verão. A maior dificuldade nesta cultura é a manutenção da humidade, indispensável ao seu desenvolvimento, o que não é problema nos novos regadios por termos sempre água de rega em qualquer altura.

Sementeiras feitas em Outubro-Novembro dão a possibilidade de começar a colher as nabijas em Fevereiro, as cabeças ou nabos em Abril e os grelos em Maio-Junho.

Quando a cultura for de Verão, as sementes devem lançar-se à terra a partir de Março, prolongando-se esta prática até Julho-Agosto, para que se colham as nabijas em Abril-Maio (ou seja 1,5 mês após a sementeira), as cabeças aos 3 a 4 meses, a partir de Julho-Agosto, e os grelos apanhá-los desde Agosto até meados-final de Dezembro.

Mas devemos ter em mente que na cultura de Inverno a colheita das diferentes partes das plantas se faz, no geral, cerca de um mês mais tarde que na cultura de Verão, como é fácil de compreender.

Além disso devemos ter presente que na primeira destas culturas quase sempre se torna desnecessário regar ao passo que na cultura de Verão esta prática é necessária e fundamental.

A sementeira em qualquer das épocas realiza-se a lanço ou mecânicamente. Em qualquer dos casos, como as sementes

(Continua na pág. 424)

CAÇA E PESCA

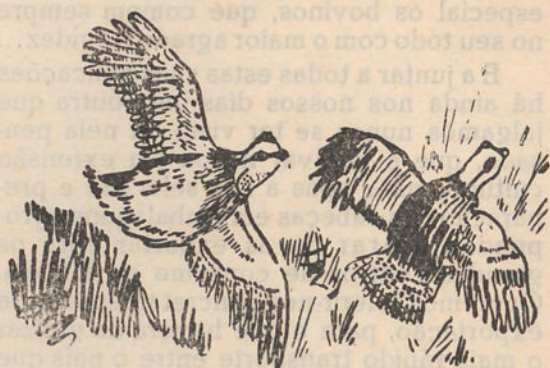
## ARMAS EM DESCANSO

Por ALMEIDA COQUET

**E**M descanso, quanto à caça, porque no «stand» há sempre muito que lhe dar a fazer. Mas quanto à caça, haverá também bastante que dizer; pois no defeso o caçador entusiasta aprecia ler e discutir métodos e ideias — e até escrever o seu artigo em jornais da especialidade.

Já na velha revista de pesca «FISHING GAZETTE», com quase um século de existência e hoje infelizmente desaparecida, se lia no cabeçalho, sob o retrato de Izaak Walton: «*Um dos encantos da pesca está no vastíssimo campo que apresenta para argumentação, discussão e experiência*».

Outro tanto diremos da caça, e é caso para se dizer: *cada cabeça cada sentença...* Mas isso não importa. O que tem valor é a distração, é o «encher» do tempo do defeso, seja na caça, seja na pesca. Se está só, sem companhia, o desportista lê as várias revistas que assina; por vezes rabisca apontamentos, escreve cartas a dar sugestões ou criticar. Uma vez, seguem tais escritos ao seu destino; noutras, vão para o cesto dos papéis inúteis...



Mas em qualquer caso o tempo foi passando, mais um dia, mais outro, isto é, cada vez mais perto da época seguinte, da abertura!

E a verdade é que uma tal actividade é por vezes útil. É fácil compreender que, entre tantas ideias, críticas ou sugestões, alguma haverá com valor suficiente, por vezes como um esboço que, limada esta ou aquela aresta, possa vir a ser tomada como medida de interesse para a causa que se pretende defender.

E mais aperfeiçoadas poderão ser logo de entrada, se elas provêm dum núcleo, dum agrupamento de praticantes de caça ou pesca, que em discussão as vai desbravando do que não serve.

**As tertúlias...** isto é, os centros de «cavaco» dos pescadores e caçadores; aí, descrevem-se caçadas, pescarias, tiros felizes, feitos célebres de perdigueiros extraordinários!

Seja nas cidades, seja em vilas, lá temos o centro de reunião. Aqui no Porto, houve alguns famosos, principalmente o do Bazar dos Caçadores do velho Garcia — mais tarde do genro: Figueiredo — e o da Casa Lino — este para os caçadores mais chiques...

Era no tempo em que as lojas podiam estar abertas até à meia-noite. Quem passasse na rua, ouvia os tiros: «Pan! pan!» e logo a seguir «boca, dá cá»... Isso é que eram trelas!

Mas não é só no nosso país. E ainda há dias li um artigo de uma visita a um armeiro londrino; as perguntas do visitante, caçador já velhote, e as respostas



do armeiro, lamentando-se e dizendo que os tempos estão mudados, que os rapazes já não querem aprender a arte de fazer armas de caça de categoria, tanto é o trabalho... e pequeno o lucro.

Isso explica os anúncios que vemos em jornais da especialidade. Um deles, dos mais famosos da velha Albion, oferece bom preço para armas em segunda mão. Acrescenta que uma arma nova leva **três anos** a entregar!!! e daí a extraordinária procura de armas antigas.

Quase todos os produtores de armas têm o fabrico desenvolvido—o mais possível—utilizando máquinas, reduzindo assim ao mínimo as operações de acabamento e a mão-de-obra.

**Dos calibres** Foi há pouco ainda, que numa dessas reuniões de agora, ouvi discussão acesa sobre o velho assunto dos calibres, e em especial uma formal condenação do calibre 20, dizendo-se até que eram armas para principiantes. Nem de propósito, tinha debaixo do braço uma revista com a notícia da recente morte de Lord Sherwood, director principal da Purdeys, com a informação que segue: — «... faleceu com 71 anos de idade e era uma arma excelente (excellent shot). A sua escolha de arma para caça não era, contudo, muito de prever, pois usava sempre calibre 20 (o mesmo adoptado por Lord Rank). Caçava geralmente nos seus terrenos na Ilha de Wight, no período que decorreu entre as duas guerras, etc., etc.».

Causou certo espanto no auditório esta minha leitura, principalmente no ponto em que dizia que Lord Sherwood era um excelente «shot» e ainda a afirmação de que «usava sempre calibre 20»... tendo um dos presentes chegado a dizer: — «francamente, um Director da Purdeys»...

Há 50 anos, tive ocasião de experimentar uma Greener cal. 20 pertencente a um meu condiscípulo, que a herdara do Pai e tinha sido pertença de um dos maiores atiradores portugueses do século passado. E eu, apesar de sempre caçar com armas de calibre 12, nunca esqueci a sensação daquele calibre 20!

Hoje, com algum peso dos anos, além de uma arma 12, tenho duas calibre 20, que muito aprecio até pelo menor peso que apresentam... E só tenho pena de

não ter utilizado o calibre 20 há mais tempo.

Claro que não é para todos. Só a ideia de que cada cartucho leva menos cerca de 10 grs de chumbo... já causa alguma impressão no atirador.

Mas experimentem conscienciosamente e digam-me depois o resultado.

**Do tiro em geral** Sempre se discutiu muito este assunto do modo de atirar. Aqui, em Espanha, em França... e por toda a parte.

Confesso que o assunto tem interesse, pois muitos parecem ignorar que cada praticante de um desporto, embora possa e deva seguir indicações de mestres, tem sempre que utilizar os conhecimentos adquiridos **dentro das condições** que o seu físico e o seu temperamento aceitam; isto é, do modo que melhor quadra à sua maneira de ser.

Eu conheci alguns atiradores que utilizavam o tiro de "intercessão" com uma regularidade espantosa. E no entanto este processo é, em parte, condenado pelos mestres.

Últimamente, voltou este assunto à discussão, e houve até quem já tenha afirmado que o «swing» é um processo «moderno» de atirar!

Será moderno em certos meios... porque de resto, em Inglaterra já é bastante antigo.

Creio que a melhor recomendação quanto ao modo de executar o tiro de través vem de França, com esta recomendação: «que os canos da arma executem **sempre** o mesmo movimento que o do alvo a atingir».

Por outras palavras: «**não parar o movimento dos canos na ocasião de disparar**».

E lá têm também os meus caríssimos leitores aquele conselho que já também não é muito novo: o de «correr a mão», isto é, de passar a linha dos canos um pouco à frente da peça de caça no momento do disparo. Como quem diz: *dando o tiro um pouco à frente, nem que pares, não há tanto o risco de errar «por detrás»*... O que também se parece um pouco com o tiro «de intercessão».

Julgo que esta designação—e até talvez o processo—de «correr a mão»

provém dos nossos vizinhos da península. Se assim não for, que me seja relevada a falta...

Ainda quanto ao «swing», bastará ver um tenista a fazer «drives» ou um «gol-fista» a não parar o clube no momento da pancada, para compreender a essência do «swing». Mas, bem entendido, do «swing» completo, que não pare no meio do percurso. Quer dizer, no tiro, o movimento do «swing» tem de ser — como no ténis e no golfe — um movimento de torção desde os pés, pernas, rins e torso, que *ainda continua além do disparo*.

Isto, quanto ao movimento para acompanhar a peça de caça. Porque quanto aos célebres «descontos», quer no «correr da mão», quer noutro sistema, isso é que só se consegue aperfeiçoar com a prática. E é evidente que quem tiver possibilidade de actuar dentro de um bom couto, tem que melhorar de forma, ou então... também não poderá aprender a tocar piano.

Tenho visto afirmações de que o «skeet» é uma magnífica escola para a prática do tiro de caça. Como nunca o pratiquei, não posso aconselhar. Parece-me, no entanto, que o aluno poderá experimentar sob orientação de um bom atirador de skeet, do que poderá vir talvez a colher bom resultado.

**Tiros largos...** É outro assunto que ainda hoje se ouve discutir por modo que nos espanta!

Com calibre 12 não é possível obter-se um alvo regular e perfeito a 50 metros. Isto não quer dizer que se não pode abater uma perdiz a tal distância, ou mesmo um pouco mais. Mas é sempre um caso de sorte; e muitas vezes apenas se conseguiu ferir a peça de caça, que dentro de dias é repasto da raposa.

Mas se não acreditam, façam a experiência, e verão os «intervalos» por onde pode passar uma ave, sem uma beliscadura.

Por outro lado, desde que tenhamos de recorrer a um «full choke» no cano esquerdo, não poderemos deixar de utilizar 2 a 3 décimos no «direito», para podermos matar uma perdiz a 25 ou 30 metros sem a escangalhar.

É também motivo para experimentar

«armas e tiros famosos», num alvo 2m x 2m. E depois já poderão discutir com melhor conhecimento.

Lembro o caso das rolas altas, que tanto tiro levam, e das opiniões mais desencontradas dos «esperistas»: — matei duas a 70 metros...

Ora um pinheiro de 25 metros já é bastante alto. O dobro são 50; então onde estarão os 70 metros? Quer dizer: passavam talvez a 40 metros, dando a impressão de que passavam a maior altura.

Não há dúvida que não é fácil avaliar as distâncias a que nos passa a caça de pena. É também caso para muita prática, não esquecendo que as condições de luz, da vegetação e de outras coisas, muito influem nos resultados a obter.

Só a muita prática pode produzir um bom avaliador de distâncias na caça.

**O tiro à narceja** Para mim, é dos tiros de maior interesse. Não me refiro ao tiro de batida, que está a tornar-se um pouco em voga, mas sim ao «tiro de salto».

Com esta caça, temos que exigir do caçador qualidades excepcionais, se quisermos que ao fim do dia atinja a média de 3 tiros por cada narceja abatida.

E digam o que quiserem, mas quase não há regras para o sistema de atirar, tão diferente pode ser o levante de uma narceja para a seguinte, como diferentes são os levantamentos em cada dia, principalmente se há mudança de tempo, mais ou menos vento, ou quaisquer outras condições às quais estas aves são tão sensíveis.

Tem o inconveniente da qualidade do terreno em que se caça, por vezes perigosos, razão porque se aconselha o principiante nesta caça que acompanhe pessoa com larga prática. Dessa forma, seguindo os conselhos e indicações do veterano, aprende sem correr riscos desnecessários.

Como caça de arribação, tem ainda o «contra» de podermos destinar um dia em que haja poucas, por ter emigrado a maior parte na véspera...

Contingências que teremos de aceitar, procurando a desforra noutro dia.

# Serviço de

# CONSULTAS

## REDACTORES—CONSULTORES

Prof. António Manuel de Azevedo Gomes — do *Instituto S. de Agronomia*; Dr. António Maria Owen Pinheiro Torres, Advog.; Dr. António Sérgio Pessoa, Méd. Veterinário; Artur Benevides de Melo, Eng. Agrónomo—*Chefe dos Serviços Fitopatológicos da Estação Agrária do Porto*; Prof. Carlos Manuel Baeta Neves — do *Instituto Superior de Agronomia*; Eduardo Alberto de Almeida Coquet, Publicista; Dr. José Carrilho Chaves, Médico Veterinário; José Madeira Pinto Lobo, Eng. Agrónomo, J. Pinto Machado — *Arquitecto*; Mário da Cunha Ramos, Eng. Agrónomo — *Chefe do Laboratório da Estação Agrária do Porto*; Pedro Núncio Bravo, Eng. Agrónomo — *Director da Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra*; Vasco Correia Paixão, Eng. Agrónomo — *Director do Posto Central de Fomento Apícola*.

### VII — PATOLOGIA VEGETAL E ENTOMOLOGIA

N.º 40 — Assinante n.º 31 089 — V. N. de Gaia.

#### VIROSE? CARÊNCIA?

PERGUNTA — Envio esta amostra de folhas para fazer o favor de as examinar e dizer-me qual a doença de que estão atacadas e como combatê-la.

As folhas aparecem assim amareladas, em grande quantidade.

RESPOSTA — As manchas de cor amarela verificadas nas duas pequenas folhas secas de macieira que nos reme-

teu podem, com a devida reserva ser indício de «viroses» ou de uma «carência» alimentar em elementos menores existentes no solo.

A tratar-se de «viroses» não lhe podemos indicar qualquer tratamento prático capaz de fazer reduzir a sua incidência. No segundo caso só a análise química foliar, a par duma análise completa do solo, poderia revelar em falta, este ou aquele elemento menor, que na sua ausência está a determinar tal sintomatologia.

A aplicação de duas pulverizações às folhas, em Maio e Junho, feitas com adubo foliar Bayer ou outro equivalente a 0,2 por cento em água, ou por ser compatível misturado tal adubo com as caldas

anti-pedrado são por vezes suficientes para fazer reduzir o amarelecimento verificado. — *Benevides de Melo.*

## XIX — MEDICINA VETERINARIA

N.º 41 — Assinante n.º 45 508 — *Alcobaça.*

### MASTITE DA CABRA

PERGUNTA — O leite de uma cabra que tenho estraga-se e não sei o que lhe ei-de fazer. Tinha interesse em tratar o animal, razão por que lhe venho pedir o favor de me indicar qualquer tratamento previsto para este caso, se for possível.

RESPOSTA — Pelos sintomas indicados, deve tratar-se duma Mastite, Mamite ou Dada.

Como tratamento indicamos a aplicação de meia embalagem de «Mastalone» em cada teto infectado, depois do leite ter sido mungido para uma vasilha e inutilizado com creolina, e não deitado para o chão para não disseminar a infecção.

Fazer o tratamento todas as 24 horas seguidas, repetindo-o ainda até às 48 horas após o desaparecimento dos sintomas.

Os tetos ou teto conforme os casos deverá ser bem desinfectado com algodão embebido em álcool puro, antes da introdução da cânula da embalagem. Como se vai utilizar apenas meia embalagem para cada «quarto», é absolutamente necessário, desinfectar também com algodão limpo e álcool puro a cânula que seja utilizada pela segunda vez.

Seguir as instruções do laboratório preparador.

As mãos do tratador, como é óbvio, deverão estar lavadas e desinfectadas antes e depois do tratamento.

### INTERMEDIÁRIO DOS LAVRADORES

Oliveiras, vendem-se de viveiros, boas qualidades. Tratar com Dr. Frederico Falcão Machado — Ala — Macedo de Cavaleiros.

Se o úbere estiver muito duro, aplicar externamente uma massagem suave com pomada de «Mastidina», para o que comprará um boião, que sai mais económico.

Como esta Mastite poderá ser de origem brucelósica (Febre de Malta) seria conveniente que o leite fosse analisado antes do tratamento. O leite só poderá ser utilizado 72 horas após o último tratamento. — *Carrilho Chaves.*

## XXIII — DIREITO RURAL

N.º 42 — Assinante n.º 46 138 — *Redondo.*

### VEDAÇÕES DE ARAME FARPADO

PERGUNTA — Penso fazer umas vedações de arame farpado. Qual o meu comportamento perante os vizinhos (pedir autorização ou avisá-los do meu propósito)? Tenho de guardar alguma distância das extremas deles, ou posso colocar os postes junto das ditas extremas e tudo o mais que for necessário?

RESPOSTA — 1. O art. 1356.º do Código Civil permite a vedação dos prédios de qualquer modo e portanto nada impede a sua vedação por meio de arame farpado.

A vedação pode ser feita mesmo junto à extrema, desde que, de qualquer modo a não ultrapasse.

Não é necessário (a não ser por razões de cortesia e boa vizinhança) avisar os vizinhos.

2. Se a vedação estiver contígua a estrada nacional ou municipal ou a caminho municipal o arame farpado não poderá ser utilizado a altura inferior a 2 m.

Entendo que deverá proceder-se do mesmo modo em relação aos caminhos vicinais, muito embora não conheça disposição legal onde isso venha estabelecido; e isto porque em relação aos caminhos vicinais os inconvenientes para o público, do arame farpado, são exactamente os mesmos que existem nos cami-

nhos municipais. — A. M. O. Pinheiro Torres.

★

N.º 43 — Assinante n.º 42 551 — Marco de Canaveses.

## ABONO DE FAMÍLIA AOS TRABALHADORES RURAIS

PERGUNTA — Perdõe-me a «Gazeta» andar sempre a maçar e as cartas que lhe escrevi, pois na ocasião impressionaram-me muito.

Era só mais uma pergunta, apesar de um advogado me ter dito que não.

Um caseiro não quer o abono, pois não tem filhos menores que o recebam, por isso tenho, como eles querem as propriedades especificadas, embora o rendimento colectável da propriedade rústica seja o total.

Eu tenho de fazer essa observação na parte referente a essa pequena propriedade em que o caseiro não tem abono, por não ter filhos menores? Uma pessoa já me tinha dito que tinha de lho dar, mas achava isso irregular, não era justo. Que me diz?

Uns dizem, creio que um escriturário de uma Casa do Povo de Barcelos, que se devia aumentar as rendas aos caseiros. Eles têm o abono e ainda pedem para lhe tirar à renda.

Se as medidas que Toulouse adoptou se espalhassem a toda a França, pode ser que isto melhore. Para uma freguesia pegada já regressaram 3 homens que até fome passaram.

O que lamento é tudo que nós compramos é caro e o que vendemos é barato, sobretudo o milho, que afinal é uma alimentação tão rica.

RESPOSTA — Entendo — e já por mais duma vez defendi aqui essa opinião — que a legislação vigente sobre o abono de família aos trabalhadores rurais se não aplica aos caseiros, pois estes são arrendatários e não trabalhadores por conta doutrem.

Deste modo, se o caseiro não beneficia nada com o abono, afigura-se-me que nada obriga o Sr. Consulente a indicá-lo nas folhas. Já assim não seria, no entanto, se ele fosse jornalista, pois, em relação a todos estes, com filhos ou sem eles,

parece-me obrigatória a quotização para o abono de família. — A. M. O. Pinheiro Torres.

## NO MUNDO DA MULHER

(Continuação da pág. n.º 415)

dadosamente a cara e fossas nasais, procede-se à incisão; a operação dura entre uma hora a uma hora e meia, não provocando qualquer dor.

Os pensos aplicados sobre os agrafes são duma importância capital, pois deles pode depender o sucesso ou insucesso, razão por que o cirurgião se deve ocupar ele próprio dos pensos, já que isso faz parte integrante da operação.

Realizada a intervenção, o cirurgião procede ao penso. Depois da introdução em cada narina de uma mecha de gaze embebida numa matéria gorda, uma compressa é colocada sobre o nariz, seguida de uma coifa de metal ou gesso que agarra e mantém a forma do nariz.

Após a operação, tem de haver uma imobilização de 48 horas e, embora o sofrimento não seja grande, é muito incómodo, visto neste período ser necessário respirar só pela boca. No fim de 2 dias, já se desprendem as narinas, mas a cara aparece cheia de equimoses. Uma semana depois da operação, todos os pensos são levantados e somente ao cabo de 15 dias é que todas as equimoses terão desaparecido. As cicatrizes são invisíveis; no entanto, é necessário aguardar 3 a 6 meses, ou por vezes mais, para que o nariz adquira a sua forma definitiva.

(Continua)

**Todo o lavrador português tem inúmeras vantagens em assinar a *Gazeta das Aldeias*. Aconselhe-a aos seus amigos, a quem ela possa interessar.**



# INFORMAÇÕES

## Calendário de Junho

Durante este mês a duração do dia é de 14 h. e 41 m. em 1 e de 14 h. e 51 m. em 30.

DATAS	SOL		LUA	
	Nasc.	Pôr	Nasc.	Pôr
1 Segunda . . . . .	5.14	19.55	3 5	17.37
2 Terça . . . . .	5.13	19.56	3.37	18.47
3 Quarta . . . . .	5.13	19.56	4.15	19.53
4 Quinta . . . . .	5.12	19.57	5. 0	20.54
5 Sexta . . . . .	5.12	19.58	5.52	21.47
6 Sábado . . . . .	5.12	19.59	6.51	22.30
7 Domingo . . . . .	5.12	19.59	7.52	23. 7
8 Segunda . . . . .	5.11	20. 0	8 54	23.37
9 Terça . . . . .	5.11	20. 0	9.56	*
10 Quarta . . . . .	5.11	20. 1	10.57	0. 2
11 Quinta . . . . .	5.11	20. 1	11 56	0.24
12 Sex a . . . . .	5.11	20. 2	12 55	0.45
13 Sábado . . . . .	5.11	20. 2	13 55	1. 6
14 Domingo . . . . .	5.11	20. 3	14 57	1.28
15 Segunda . . . . .	5.11	20. 3	16. 3	1.52
16 Terça . . . . .	5.11	20. 3	17.12	2.20
17 Quarta . . . . .	5.11	20. 4	18 24	2.55
18 Quinta . . . . .	5.12	20. 4	19 36	3.38
19 Sexta . . . . .	5.12	20 5	20.40	4.35
20 Sábado . . . . .	5.12	20. 5	21.35	5.43
21 Domingo . . . . .	5.12	20. 5	22 20	6.58
22 Segunda . . . . .	5.12	20. 5	22 56	8.17
23 Terça . . . . .	5.13	20. 6	23.56	9.34
24 Quarta . . . . .	5 13	20. 6	23.52	10.49
25 Quinta . . . . .	5.13	20. 6	*	12. 0
26 Sexta . . . . .	5.13	20. 6	0.17	13.10
27 Sábado . . . . .	5.14	20. 6	0.42	14 19
28 Domingo . . . . .	5.14	20 6	1. 9	15 28
29 Segunda . . . . .	5.15	20. 6	1.39	16.37
30 Terça . . . . .	5 15	20. 6	2.14	17.44

L.N. em 4 às 2 h. e 21 m.; Q.C. em 12 às 4 h. e 7 m.; L.C. em 19 às 12 h. e 28 m.; Q.M. em 26 às 4 h. 1 m.;

## Estado das culturas em 30 de Abril

Informação fornecida pelo Instituto Nacional de Estatística

O mês de Abril decorreu com tempo seco, céu limpo, acentuadas oscilações térmicas diárias e formação de geadas, por vezes intensas, durante a noite. Houve também a assinalar vários dias com ventos fortes, que mais vieram agravar os efeitos da falta de humidade. De um modo geral, este conjunto de factores climáticos foi bastante nefasto para a agricultura.

As culturas de sementeira outono-invernal acusaram os efeitos da prolongada seca, apresentando fraco desenvolvimento. Prevê-se um ano cerealífero irregular. As plantações de batata de sequeiro foram prejudicadas pelas geadas, verificando-se uma ligeira redução na área, relativamente ao ano anterior e à média do decénio. As sementeiras de Primavera fizeram-se em boas condições, especialmente nas terras que se encontravam preparadas com a devida antecedência. No entanto, a ausência de chuvas está a afectar a sua germinação. As áreas semeadas são sensivelmente inferiores às do ano passado e à média do decénio: — 18 o/o e — 35 o/o para o trigo de Primavera; — 6 o/o e — 19 o/o para o milho de sequeiro; — 5 o/o e — 17 o/o para o feijão de sequeiro; — 27 o/o e — 29 o/o para o grão-de-bico.

As condições de tempo já mencionadas afectaram também as pastagens e culturas forrageiras no seu desenvolvimento vegetativo.

A alimentação do gado foi feita com dificuldade, devido ao deficiente crescimento das forragens.

Quanto às culturas arbóreas e arbustivas, há a registar prejuízos notórios no desenvolvimento vegetativo das vinhas e na frutificação das prunoídeas. Os pomares de citrinos e de pomóideas e os olivais não foram tão afectados pelo estado do tempo mas, em algumas zonas, também são evidentes os efeitos nocivos das geadas.

Os trabalhos próprios da época decorreram normalmente, favorecidos pelo estado do tempo, tendo constado principalmente de sementeiras e plantações de Primavera, enxertias, podas, tratamentos fitossanitários, mobilização e fertilização de culturas permanentes, etc..

As feiras e mercados continuaram a registar boa concorrência, tendo-se verificado alterações

nos preços de alguns produtos: redução nos de batata, milho e ovos; ligeira subida nos de maçã e pera, assim como nos do gado, sobretudo o suíno.

A falta de mão-de-obra continua a ser um problema dificilmente superado.

## Planear a educação

O ritmo da evolução da ciência, técnica, ideais do espírito, aspirações sociais e, portanto, a aceleração do ritmo da História originam que em muitos pontos das estruturas educativas se declarem situações críticas, desactualizações, falta de proporções entre meios empenhados e resultados conseguidos, e deficiência na preparação dos jovens para novas tarefas que hão-de enfrentar no futuro. Daí a aspiração generalizada de renovação e uma ânsia quase febril de inovações que hoje percorrem as escolas e, a partir delas, se ampliam às camadas sociais cada vez mais vastas.

Este fenómeno leva a atribuir a maior importância aos órgãos de planeamento educativo.

Na verdade o estudo permanente e sistemático dos problemas de natureza educacional contrapõe-se ao sistema de «improvisação» dos velhos tempos em que a técnica ainda não evoluía ao ritmo da era da conquista da Lua.

Antes que as instituições acusem desgaste ou desactualização dos processos, há que preparar todas as decisões de fundo que permitam a sua adaptação às necessidades do momento. Para isso é necessário manter uma máquina que possua condições para funcionar continuamente, que recolha todos os dados, elementos e informações pertinentes, e os elabore, faça sobre eles estudos esclarecedores, sempre dentro de uma ideia de conjunto, de visão orgânica, de relação de problemas e soluções e bem assim em obediência a uma preocupação de previsão do futuro, de actualização constante segundo os processos da pedagogia e a evolução das realidades económicas e sociais. Tal missão compete, a nível oficial e em Portugal, ao Gabinete de Estudos e Planeamento da Acção Educativa.

Este Gabinete possui um Centro de Documentação Pedagógica com a função de coligir e manter actualizadas a bibliografia, documentação e demais informações relativas a assuntos de natureza educacional.

Com efeito, em matéria de educação, há que reunir e organizar a bibliografia e restante documentação pedagógica, necessárias ao perfeito esclarecimento dos problemas, de modo que facilmente se possa compulсар, de um momento para o outro, o que exista escrito sobre determinado assunto.

Através da Divisão de Relações Exteriores, o Gabinete mantém contactos com outros organismos, nomeadamente estrangeiros, que se debruçam também sobre o estudo dos problemas escolares ou exercem uma acção de fomento educacional.

No que respeita aos estudos e experiências pedagógicas e aperfeiçoamento das estruturas escolares, planos de estudos, programas, métodos e textos, prossegue o G. E. P. A. E. os trabalhos referentes às seguintes disciplinas do ensino liceal: Matemática, Ciências Físico-Químicas e Ciências Naturais, funcionando para o efeito, turmas-piloto nalguns estabelecimentos de ensino secundário.

Outro aspecto de muito interesse no conjunto das actividades daquele serviço do Ministério da Educação Nacional compreende o planeamento do desenvolvimento quantitativo do sistema escolar, na sua projecção nacional e regional, em correlação com o desenvolvimento do país, procedendo-se, para isso, à recolha e elaboração de elementos estatísticos, realização de inquéritos, análise de dados demográficos, económicos e sociais.

Outras das tarefas neste âmbito é a revisão e aperfeiçoamento dos moldes em que se processam em Portugal a recolha, o apuramento e a difusão das informações estatísticas relativas à educação.

Nos últimos meses do ano findo, o G. E. P. A. E. promoveu a realização de duas reuniões para discussão dos aspectos de maior oportunidade e importância no domínio do planeamento da educação.

Nos trabalhos participaram técnicos do G. E. P. A. E., de outros serviços do Ministério da Educação Nacional, de vários organismos internacionais e ainda, ao abrigo do programa de assistência técnica, alguns consultores da O. C. D. E..

Como disse, no acto de posse, o actual Presidente do Gabinete de Estudos e Planeamento da Acção Educativa, Prof. Eng. Fraústo da Silva, este serviço central do Ministério da Educação Nacional «tem de ser um organismo vivo e activo, pelo que, sem prejuízo dos estudos de base a que deve continuar a dedicar-se para possibilitar a consecução dos fins para que foi criado, deve tomar um carácter mais incisivo e actuante, focando as suas atenções em alguns problemas de relevância imediata; poderá, assim, corresponder mais eficazmente, às solicitações dos vários serviços, deste e de outros Ministérios, e melhor servir o Ministro na sua acção governativa».

## Feira Nacional de Agricultura

### Feira do Ribatejo — Santarém

#### Grande interesse pelo concurso nacional de bovinos da feira de Santarém

Um dos acontecimentos mais relevantes, de maior interesse económico e grande actualidade, do programa da Feira Nacional de Agricultura é sem dúvida a realização do II Concurso Nacional de Bovinos.

De todo o País, incluindo os mais reconditos locais, estão a surgir manifestações de interesse pelo empreendimento e a inscrever-se não só grandes como médios e pequenos criadores.

O êxito alcançado pelo I Concurso levado a efeito há três anos e a circunstância de os Serviços Officiais apoiarem esta realização constituem motivos justificativos do interesse que está a manifestar-se em todo o País, tanto da parte dos proprietários de animais produtores de carne como de trabalho ou de leite.

No intuito de fomentar uma actividade de grande importância para a economia agrária do País, foram atribuídos pelo Ministério da Economia prémios pecuniários muito significativos.

O Concurso admite a participação de animais das raças Mirandesa, Barrosã, Arouquesa, Mari-

nhoa, Maronesa, Galega, Algarvia, Alentejana, Mertolenga, Holando Portuguesa ou turina, Andaluza ou Avilhena, Retinta ou Estremenha, Berrendo em Negro, Charolesa, Hereford, Limousine, Normanda, Salers e Devon.

Na raça Mertolenga, serão consideradas as sub-seccões de perfil recto e sub-convexo.

Neste certame, que se espera venha a ser extraordinário pelo número e nível dos animais particulares, estarão presentes muitas centenas de cabeças.

O Concurso realizar-se-á na Cidade de Santarém nos primeiros quatro dias da Feira Nacional de Agricultura que, por sua vez, durará 15 dias, ou seja de 7 a 21 de Junho próximo.

## Boletim Meteorológico para a Agricultura

fornecido pelo

Serviço Meteorológico Nacional

### Influência do tempo nas culturas

#### 3.ª década (21-30) de Abril de 1970

As culturas de uma maneira geral continuam a ressentir-se da falta de chuvas, e foram muito prejudicadas pelos ventos fortes ocorridos na década.

Os trabalhos agrícolas têm sido executados em boas condições.

Fizeram-se lavras, sementeiras, plantações, cavas nas vinhas, podas, apanha de citrinos, colheita de forragens, tratamentos fitossanitários, etc..

#### 1.ª Década (1-10) de Maio de 1970

O tempo que tinha decorrido favorável para o desenvolvimento das culturas e para a realização dos trabalhos agrícolas, agravou-se excepcionalmente no dia 8, em que o vento tempestuoso causou estragos importantes, em especial no centro e no sul do País.

Fizeram-se sementeiras, plantações em hortas, podas, enxertias, adubações químicas, lavoura de alqueives e gradagens, sementeiras de arroz, tratamentos contra o mildio em vinhas, tomateiros e batatais, etc..

#### 2.ª Década (11-20) de Maio de 1970

Os aguaceiros fortes que caíram nos primeiros dias da década, fizeram acamar algumas searas, afectaram árvores de fruto e a execução dos trabalhos agrícolas. Fizeram-se: cavas em vinhas, sementeiras de milho, feijão e arroz, plantações de batata e tomate, podas, enxertias, tratamentos fitossanitários, etc..

## Culturas a usar nos novos regadios

(Continuação da pág. n.º 413)

são bastante pequenas, há que misturá-las com areia, por exemplo, em quantidade pelo menos dupla.

A sementeira mecânica, que é aquela que julgamos dever ser de utilizar em cultura extensiva, deverá ser feita em linhas simples ou pareadas.

A quantidade de semente a utilizar por unidade de superfície é de 6 kg/ha, devendo as sementinhas ficar bem apertadas à terra, sem que esta seja muito calcada e as situe a grande profundidade.

Para que não haja a necessidade de proceder a desbastes, a partir das plantas terem cerca de uns 6 a 7 cm, deveremos lançar as sementes o mais ralas que se puder para que não haja e seja preciso fazer desbastes manuais, uma vez que mecânicamente os não podemos fazer.

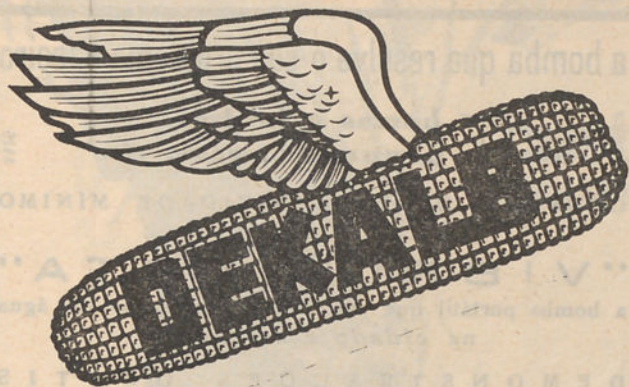
Na época própria, que atrás indicamos, devem os nabos ser colhidos. Mas dada a necessidade de não gastar muita mão-de-obra, porque é caríssima e escassa, só deveremos pensar em fazer a colheita à máquina empregando um arrancador mecânico. Nesta operação devemos regular a altura do arranque para que não sejam as cabeças cortadas ou feridas em grande quantidade.

A produção, que em cultura de terrenos com as características referidas e para um ano normal, com que se pode contar, ronda as 25 a 30 ton. de cabeças.

Apanhadas as cabeças de nabo, terão de ser rapidamente transportadas para a entidade que as irá exportar, para serem seleccionadas, lavadas e embaladas convenientemente para que em boas condições de aspecto e frescura possam rapidamente chegar ao seu destino de consumo.

**Propagar e difundir a GAZETA DAS ALDEIAS, concorrendo para o aumento da sua assinatura, é um dever que se impõe aos que da Terra e para a Terra vivem**





**Snr. Agricultor!...**

Mesmo depois do corte  
das ervas ou cereais  
há sempre uma variedade  
de milho híbrido DEKALB  
para semear.

**DEKALB**

garante as  
colheitas mais abundantes

-----  
DEKALB NO CAMPO...  
...DINHEIRO NO BANCO

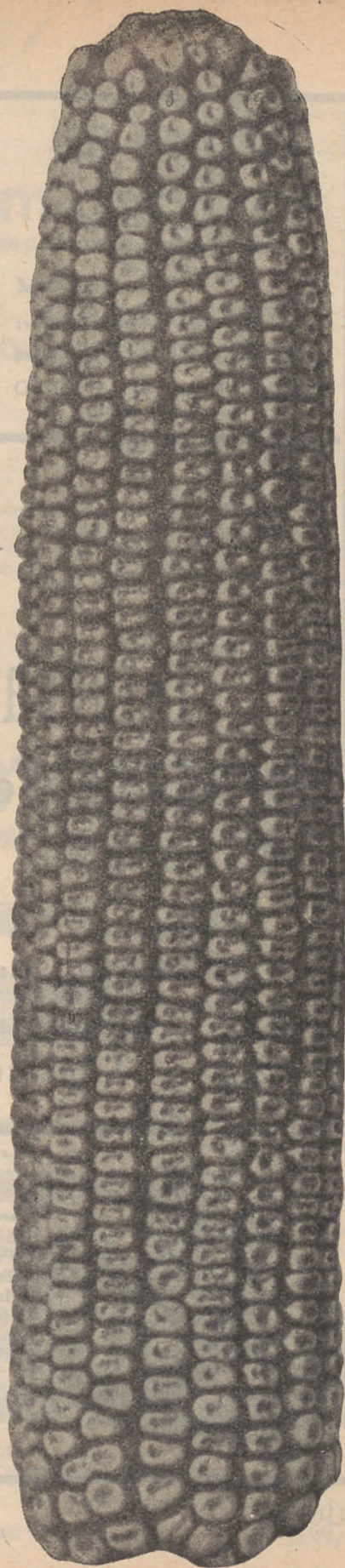
Dirija os seus pedidos à

**Casa das Sementes**

*de Alfredo Carneiro de Vasconcellos & Filhos*

R. S. João, 109-111-PORTO - Tele { fone, 35101  
gramas: SEMENTES

**GAZETA DAS ALDEIAS**





Agente Geral para Portugal e Ultramar:  
**J. L. Duarte de Almeida, Suc.ra**  
 Rua de S. Miguel, 61 — PORTO  
 Telefone, 26515

a bomba que resolve o seu problema caseiro  
 para hortas e jardins,  
 pequenas regas, etc.

4415

CONSUMO DE ELECTRICIDADE MÍNIMO  
 .....

“VIBRO-VERTA”  
 a bomba portátil que resolve o abastecimento de água  
 na cidade e no campo  
 DEMONSTRAÇÕES GRÁTIS



# International Harvester

Tractores e máquinas agrícolas  
 Máquinas para a construção

Agentes em todo o país

Assistência técnica garantida

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

**Fassio, Limitada** — 20, Rua Jardim do Regedor, 32 — LISBOA

4485

## SEMENTES

1862

ALÍPIO DIAS & IRMÃO recomendam aos seus Amigos e Clientes, que nesta época devem semear as seguintes variedades:

*Alfaces, Beterrabas, Couves diversas: Couve flores, Couves bróculos, Penca de Chaves, Penca de Mirandela, Penca da Póvoa, Repolhos, Tronchuda, Ervilhas de grão, Espinafres, Rabanetes, assim como: Azevêns, Erva molar, Luzernas, Lawn-grass Ray-grass, Trevos, etc., etc. e ainda uma completa coleção de Flores.*

Se deseja SEMEAR E COLHER dê preferência às sementes que com todo o escrúpulo lhe fornece a

“SEMENTEIRA” de Alípio Dias & Irmão

Rua Monsinhe da Silveira, 178 — Telefones 27578 e 33715 — PORTO  
 CATÁLOGO — Se ainda não possui, peça-o

N. B. — Preços especiais para revenda que lhe será enviado gratuitamente



# as ervas custam dinheiro!

Sim, a jorna das pessoas que as arrancam!

**poupe dinheiro!  
poupe mão de obra!**

## 'Gramoxone'

É económico.  
É fácil de preparar.  
Aplica-se com qualquer tipo de pulverizador.  
Destroi rápida e eficazmente as ervas daninhas.  
É a sacha mais rápida para a sua vinha,  
para o seu pomar, batata, ou tomate.  
Para todo o tipo de culturas.

# 'Gramoxone'

SACHA QUÍMICA PARA AS SUAS CULTURAS!



ANTES DE USAR LEIA O RÓTULO



Companhia União Fabril

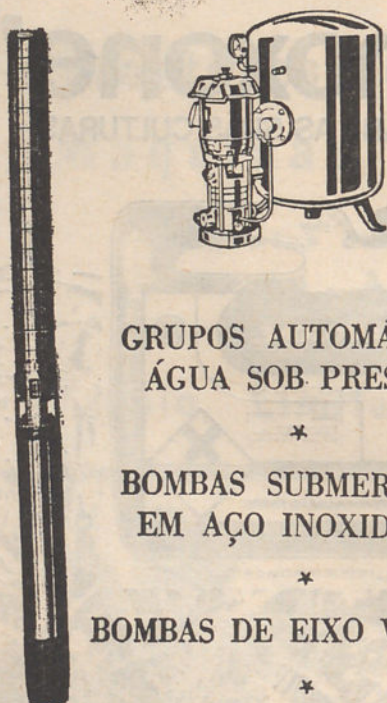
## Paraíso das Sementes Paraíso dos Lavradores

Ali encontram as sementes que farão o encanto dos v/ jardins e a garantia de boas colheitas. Para comprar Adubos, Sementes, Insecticidas e Fungicidas, assim como Atomizadores e Pulverizadores das melhores marcas e aos menores preços do mercado, só no 4187



«Paraíso das Sementes»  
de A. J. Rodrigues Pereira  
Rua da Alegria, 210 — PORTO

# GRUNDFOSS



4476

GRUPOS AUTOMÁTICOS  
ÁGUA SOB PRESSÃO

\*

BOMBAS SUBMERSÍVEIS  
EM AÇO INOXIDÁVEL

\*

BOMBAS DE EIXO VERTICAL

\*

R. CAMÕES, 310 — PORTO  
TEL: \* 2 2104

## BONNEVILLE OLIVEIRA

Os produtos da

# UMUPRO

LYON - FRANCE



«Umurat» Cube

3139

Raticida moderno à base dum anticoagulante do sangue.

Agindo por hemorragias internas sem sintomas alarmantes para os restantes.

Em cubos prontos a utilizar mas recuperáveis quando não consumidos.



«Helicide granulado»

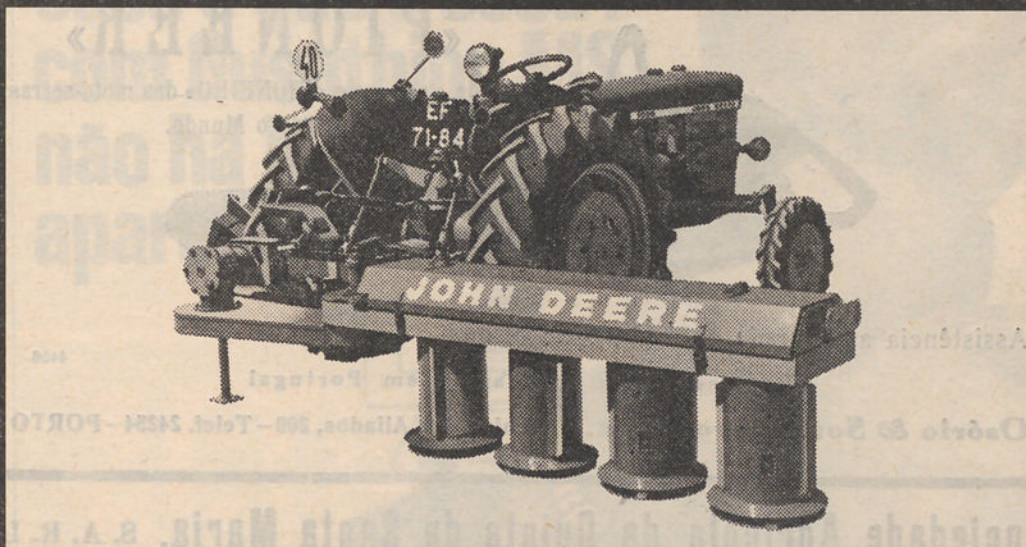
Produto efficacíssimo na extinção dos caracóis, à base de metaldeído.



«Umucortil granulado»

Para combate aos ralos à base de clordane.

são distribuídos em Portugal por  
**Ferreira, Rio & C.a, L.da**  
Rua do Almada, 329-1.º — Telef. 23007 — PORTO



## 4 cilindros rotativos ao seu serviço na gadanheira rotativa John Deere

Cilindros independentes para acompanhar as irregularidades do terreno.

Perfeita adaptação a terrenos pedregosos.

Fluxo constante de alimentação que não permite «empapamento».

Lâminas de corte por cilindro — 2

Largura de corte — 1,60 m.

Potência requerida — a partir de 35 C.V.

Velocidade do veio da tomada de força — 540 r.p.m.

Velocidade de trabalho — 10 a 12 Km/h.

Peso — 360 Kg.

Sistema de engate ao tractor — por 3 pontos da categoria I ou II.



SERVIÇO EM CARROS OFICINA  
PEÇAS LEGÍTIMAS

## John Deere o maior produtor mundial de máquinas agrícolas



SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L. — Avenida da Índia (Pedrouços) — Lisboa — Telef. 61 19 71/4  
Filiais, Agentes e Sucursais — Aveiro, Beja, Braga, Bemposta, Chaves, Coimbra, Évora, Faro, Portalegre, Sabugal, Santarém,  
Setúbal, Sousel, Torres Vedras, Viseu, Porto, Benavente, V. do Castelo, Mirandela, Vila Real, Rio de Mouro.

# «PIONEER»

Ainda e sempre o «PIONEIRO» das moto-serras em todo o Mundo.



Assistência assegurada com peças de origem

Representantes exclusivos em Portugal

4456

**Osório & Sottomayor, Lda.**—Avenida dos Aliados, 200—Telef. 24254—PORTO

## Sociedade Agrícola da Quinta de Santa Maria, S. A. R. L.

OS MAIORES VIVEIROS DO NORTE DO PAÍS

*Plantas* vigorosas e devidamente seleccionadas, de fruto, barbados americanos, *arbustos* para jardins, para sébes, para parques e avenidas, *roseiras*, *trepadeiras*, etc.

Serviços de assistência técnica e Instalação de pomares

No seu próprio interesse, visite os n/ viveiros

Peça catálogo grátis

Fornecimento de animais das melhores procedências, rigorosamente seleccionados e acompanhados de registo genealógico.

- ☐ *Gado bovino leiteiro* (Holstein-Frisian)
- ☐ *Suínos da raça Yorkshire* (Large White)

3984

Todos os fornecimentos de animais são feitos por encomendas previamente confirmadas.

**Departamentos de venda:**

Viveiros: — Carreira — Silveiros (Minho) — Telef. 96271 — NINE

Gados: — Apartado 4 — Barcelos — Telef. 82340 — Barcelos

# A C E R V E J A

## Cristal

# FAZ

4483

# BOA COMPANHIA

**Essa é que é essa!  
com Gusathion MS  
não há bicho que  
apareça**



## **Gusathion MS contra todos os insectos e ácaros inimigos dos pomares**

Até há pouco, para lutar contra os diversos tipos de insectos e ácaros parasitas que atacam os pomares na primavera e verão, o lavrador tinha de recorrer sempre a dois ou três produtos diferentes, conforme os inimigos a combater. Hoje, essa tarefa é muito mais fácil. O lavrador tem no GUSATHION MS um insecticida para combater todos os tipos de parasitas dos pomares. GUSATHION MS reúne num só produto as qualidades de um insecticida de contacto ou ingestão e as de um insecticida sistémico.

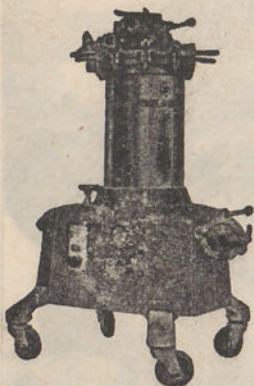
GUSATHION MS permite, assim, combater eficazmente, ao mesmo tempo, todos os tipos de parasitas que infestam os pomares, como sejam: piolhos, hoplocampas, aranhaes vermelhos, lagartas diversas, bichado dos frutos, lagartas mineiras, psyllas e cochonilhas, incluindo o piolho de S. José e outros. GUSATHION MS representa, pois, uma vantagem notável para o fruticultor, vantagem que se traduz em facilidade de escolha e aplicação — em economia.

**® Gusathion MS**

é um produto BAYER



ANTES DE USAR LEIA O RÓTULO



**Filtros** — De aço inoxidável, para vinhos, vinagres, azeites, etc.

**W i n o** — Mastique especial para a vedação perfeita do vasilhame.

**Tartrix** — O produto ideal para lavagem e desinfeção de vasilhame vinário, leiteiro, etc.

**Collogel** — O produto que evita a precipitação do cremotartaro nos vinhos engarrafados.

**Produtos Enológicos - Material de Adega - Análises**



RAMO AGRÍCOLA da

4048

Agência Comercial de Anilinas, Lda.

Avenida Rodrigues de Freitas, 68 — PORTO — Telefone, 55161

## Milhos Híbridos

Variedades:

H. B. - 9 } Temporão  
 H. P. - 21 A }  
 H. B. - 7 — Semi-Temporão

## Sementes

para horta, prado e jardim

## Máquinas Agrícolas

## Aubos - Insecticidas

Consulte o:

**Centro Agrícola e Industrial, Lda.**

307, Rua de Santa Catarina, 309  
 Telef. 25865/6 — PORTO — Teleg. «AGROS»

2747

## TOSQUIA MECANICA

**LISTER**



MÁQUINAS ELÉCTRICAS  
 E GRUPOS COM MOTORES DIESEL

Sul

**lisfi**

MOTORES DE PORTUGAL S.A.R.L.

Av do Brasil, 198 - A - Telefone 717156 - LISBOA-5

Norte

PINTO & CRUZ, Lda

R. Alexandre Braga 60-70 - Tel. 26001 (P.P.C) PORTO-1

4477

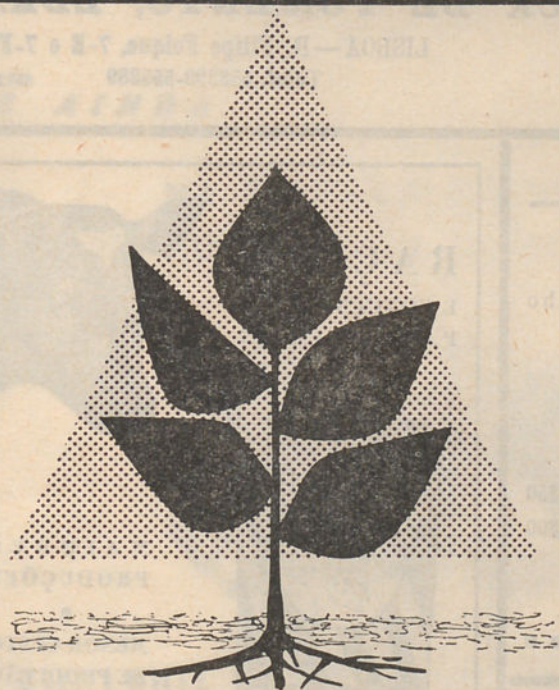


# INFORMAÇÃO ESPECIAL

ARBORICULTURA - VITICULTURA - HORTICULTURA

Peça a  
nossa  
documentação  
especial  
**ACTIGIL**

# ACTIGIL



## Adubo foliar líquido

Durante  
a vegetação  
um suplemento  
fertilizante  
**directo**

Peça a nossa documentação especial **ACTIGIL**

Nome \_\_\_\_\_

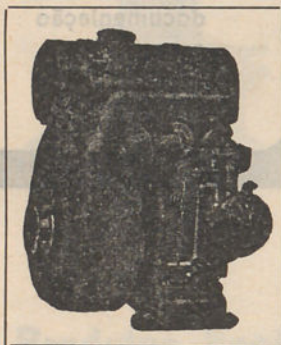
Morada \_\_\_\_\_

**PP** **AGROQUÍMICA**  
**PECHINEY**  
**PROGIL** LIMITADA

Rua António Enes, 25, 2.º D. - LISBOA-1  
Telefs. 44180 - 44189 - 537916 - Portugal

# Motores e Grupos de Rega

## VILLIERS



MOTORES A PETRÓLEO

QUATRO TEMPOS

MARK 12, MARK 15, MARK 25, MARK 4/3B  
1,5 HP    2,5 HP    3 HP    5,5 HP

GRUPOS DE REGA DE

1 1/2"    2"    2 1/2"    3"

ENCONTRÁ-LOS-A NAS BOAS CASAS DA SUA REGIÃO

REGUE COM VILLIERS E REGARÁ TRANQUILO

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

**SOCIEDADE TÉCNICA DE FOMENTO, LDA.**

PORTO — Av. dos Aliados, 168-A  
Telef. 26526/7

LISBOA — R. Filipe Folque, 7-E e 7-F  
Telef. 553393-555389    3532

## O GIRASSOL

(SUA CULTURA E USOS)

pelo Engenheiro-Agrónomo Artur Castilho

Capítulos: Nomes; Filiação; Descrição;  
Variedades; Meio; Cultura; Colheita;  
Danos; Usos; Importância.

Preço incluindo porte do correio . . . 6\$50

A cobrança . . . . . 9\$00

Pedidos à

**Gazeta das Aldeias**

*O Caminho de Ferro é o  
transporte ideal, pois é seguro  
rápido, prático e económico.*

1598

## RAÇÕES

E CONCENTRADOS  
PARA ANIMAIS



MAIORES  
PRODUÇÕES

MENOR CUSTO  
DE PRODUÇÃO

PROVIMI PORTUGUESA

R. FILIPE FOLQUE, 2-2.º — LISBOA  
TELEFONES 4 21 11/2/3

R. SA DA BANDEIRA, 746, 2.º-Dio.  
TELEFONE 30869    PORTO

VENDEDORES EM TODO O PAÍS

4451

# CIANAMIDA CÁLCICA

**CAL AZOTADA**

**20-21% DE AZOTO**

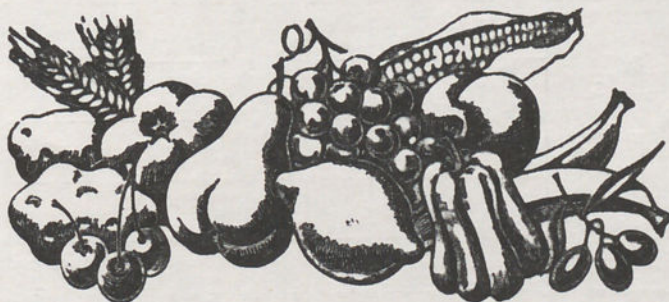
**O ADUBO AZOTADO COM  
MAIOR PERCENTAGEM DE CAL**

***OS MELHORES RESULTADOS EM SOLOS ÁCIDOS  
NAS SEGUINTE CULTURAS:***

**ARROZ, MILHO, CEREAIS DE PRAGANA,  
BATATA, OLIVAL, VINHA, POMAR, etc.**

***E AINDA***

**NA PREPARAÇÃO DE ESTRUMES E  
NO COMBATE ÀS ERVAS DANINHAS**



## COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELÉCTRICOS

**INSTALAÇÕES FABRIS  
CANAS DE SENHORIM**



**SERVIÇOS AGRONÓMICOS  
LARGO DE S. CARLOS, 4-2.º  
LISBOA — TELEFONE 368989**

INFORMAÇÕES ARBORÍCOLAS

**MACIEIRAS**

N.º **2**

TRATAMENTO DA  
FLORAÇÃO ATÉ  
PRÓXIMO DA COLHEITA

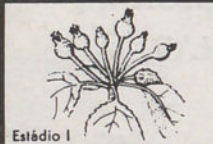
**QUEDA DAS PÉTALAS**



Estádio G-H

Pedrado Monília	<b>MANCOZAN</b>	Em 100 L de água 200 g
Oídio	<b>DINO GIL + ETALDYNE</b>	100 g
Afídios Hoplocampas Traças	<b>PARAPHENE</b>	50 cc

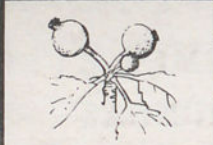
**FORMAÇÃO DOS FRUTOS**



Estádio I

Pedrado	<b>CURITAN</b>	100 g
Oídio	<b>DINO GIL + ETALDYNE</b>	100 g
Afídios Aranhijos vermelhos	<b>DAFENIL</b>	75 cc

**ATÉ 1 MÊS APÓS  
A PLENA FLORAÇÃO**



Bichado Traça oriental	<b>IMIDAN</b>	100 g
Pedrado	<b>CURITAN</b>	100 g
Oídio	<b>DINO GIL + ETALDYNE</b>	100 g

**ATÉ PRÓXIMO  
DA COLHEITA**



Bichado	em alternância <b>IMIDAN</b> ou <b>BATAZINA PM</b>	100 g 200 g
Pedrado Doenças de conservação	<b>MANCOZAN</b>	200 g
Oídio	<b>DINO GIL + ETALDYNE</b>	100 g
Aranhijos vermelhos	<b>ACARGIL</b>	200 g
Mosca dos frutos	<b>DAFENIL</b>	75 cc

Peça a nossa documentação especial **MACIEIRAS**

Nome \_\_\_\_\_

Morada \_\_\_\_\_

Intervalos entre o último tratamento e a colheita:

**BATAZINA PM e DINO GIL (3 semanas);**

**ACARGIL DAFENIL e IMIDAN (2 semanas); MANCOZAN (1 semana).** Rua António Enos, 25, 2.º D. — LISBOA-1

ANTES DE UTILIZAR QUALQUER PESTICIDA LEIA O RÓTULO



Telefs. 44180 - 44189 - 537916 — Portugal